

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**RECEPÇÃO LEITORA DA OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE” EM
DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PARINTINS – AM**

SOFIA PEREIRA RIBEIRO

ORIENTADORA Me DILCE PIO NASCIMENTO

PARINTINS – AM
2023

**RECEPÇÃO LEITORA DA OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE” EM
DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PARINTINS – AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III como requisito do curso de graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

BANCA EXAMINADORA

Mestre Dilce Pio Nascimento

Orientador

Mestre Delma Pacheco Sicsú

Membro Interno

Professora Keyla Regina Pontes Nogueira

Membro Externo

PARINTINS – AM

2023

Dedicatória

Dedico este trabalho às minhas mães Franciane Pereira Ribeiro e Francisca Pereira Ribeiro. A meu filho Samuel Ribeiro Barbosa. Aos meus amigos/as que me apoiaram. A cada professor que participou de minha trajetória educacional e me incentivou nessa conquista. E a todos que contribuíram direta ou indiretamente com a construção deste trabalho científico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
1.1 A TEORIA DA RECEPÇÃO SOB DIFERENTES OLHARES.....	9
1.2 A LITERATURA E SUAS FUNÇÕES.....	11
1.3 O ENSINO DE LITERATURA – O QUE E POR QUE ENSINAR ATRAVÉS DA OBRA LITERÁRIA?	13
1.4 A LITERATURA AMAZONENSE: O CLUBE DA MADRUGADA	16
1.5 O ENSINO DE LITERATURA AMAZONENSE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	19
CAPÍTULO II – METODOLOGIA: OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	22
2.1 AULAS APLICADAS SOBRE A OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE”	26
CAPÍTULO III – RESULTADO DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS	28
3.1 A RECEPÇÃO LEITORA DA OBRA RELATO DE UM CERTO ORIENTE PELA PESQUISADORA.....	28
3.2 A RECEPÇÃO LEITORA DA OBRA RELATO DE UM CERTO ORIENTE DE OUTROS PESQUISADORES.	32
3.3 A RECEPÇÃO LEITORA DA OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE” DO ESCRITOR AMAZONENSE MILTON HATOUM	35
3.4 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A RECEPÇÃO LEITORA DOS ALUNOS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, inspiração e oportunidade nessa conquista.

Aos meus familiares pelo apoio dedicado a mim em todos os momentos.

A minha orientadora Prof^a. MSc. Dilce Pio Nascimento pela paciência e atenção dispensada durante todo o processo de construção do conhecimento.

Aos amigos/as Inês Pedreno, Emerson Lopes, Evelyn Tenório e Mayara Matos, meus sinceros agradecimentos pelas valiosas contribuições e apoio para o fortalecimento do meu trabalho.

Aos professores das disciplinas ministradas durante todo o processo em que estive na Universidade do Estado do Amazonas – CESP, com a finalidade de contribuir com o processo educativo.

À minhas mães Franciane Pereira Ribeiro e Francisca Pereira Ribeiro, porque sem elas em minha vida não existiria passado, presente ou futuro, e por terem sido as heróínas nessa caminhada.

Minha mais eterna gratidão a todos!

RESUMO: Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema, Recepção Leitora da Obra “Relato de Um Certo Oriente” Em Duas Escolas Públicas de Parintins – AM. Definiu-se como objetivo geral, analisar a recepção leitora da obra com alunos do 2º ano do Ensino Médio em duas escolas públicas no Município de Parintins – AM. Desta forma, tem-se como objetivos específicos: refletir sobre a leitura da obra e sua importância nos estudos de Literatura Amazonense e identificar como os alunos receberam a obra, o que viram e o que sentiram ao lê-la em sala de aula. Este trabalho se deu a partir de um projeto de pesquisa que evidenciou a Literatura Amazonense enquanto pouco conhecida devido a sua ausência em sala de aula, sendo comum os estudantes, em geral, não terem proximidade a essa literatura, isto pelo fato de não fazerem parte do conteúdo programático da disciplina de Língua Portuguesa. Dentro desse cenário de dificuldades em torno da Literatura Amazonense surge a necessidade de mostrar sua importância, atribuindo destaque para com a mesma. Os procedimentos metodológicos na perspectiva dos objetivos propostos neste trabalho foram a pesquisa bibliográfica que possibilita ao pesquisador um primeiro contato com o tema abordado, e a pesquisa de campo em sala de aula. Dentre os principais autores destacam-se, Jorge Tufic (1984), Regina Zilberman (1989), Tenório Telles e Antônio Paulo Graça (2021) e Terry Eagleton (2006), sua metodologia é a Teoria da Recepção baseada nos estudos de Hans Robert Jauss (1994), buscando aproximar a Literatura Amazonense dos alunos do Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Recepção. Literatura Amazonense. Recepção leitora. Leitora. Relato de um Certo Oriente.

ABSTRACT: This Course Completion work (TCC) has as its theme, Reading Reception of the Work “Relato de Um Certo Oriente” In Duas Escolas Públicas de Parintins – AM. The general objective was to analyze the reading reception of the work among 2nd year high school students in two public schools in the Municipality of Parintins – AM. In this way, the specific objectives are: to reflect on the reading of the work and its importance in the studies of Amazonian Literature and to identify how the students received the work, what they saw and what they felt when reading it in the classroom. This work was based on a research project that highlighted Amazonian Literature as little known due to its absence in the classroom, with students, in general, not being close to this literature, due to the fact that they are not part of it. of the syllabus of the Portuguese Language subject. Within this scenario of difficulties surrounding Amazonian Literature, there is a need to show its importance, highlighting it. The methodological procedures from the perspective of the objectives proposed in this work were bibliographical research that allows the researcher a first contact with the topic addressed, and field research in the classroom. Among the main authors, Jorge Tufic (1984), Regina Zilberman (1989), Tenório Telles and Antônio Paulo Graça (2021) and Terry Eagleton (2006) stand out, their methodology is the Reception Theory based on the studies of Hans Robert Jauss (1994), seeking to bring Amazonian Literature closer to high school students.

KEY-WORDS: Reception Theory. Amazonian Literature. Reader Reception. Tale of a Certain Orient.

INTRODUÇÃO

A Literatura Amazonense é pouco conhecida nas escolas públicas do município de Parintins/AM, devido ao pouco acesso durante as aulas de Língua Portuguesa, na educação básica, tornando, comum os alunos não estudarem e não terem proximidade com essa literatura. Conhecendo, apenas autores nacionais, no entanto, não conhecem a Literatura por meio das obras de autores locais. Além de terem poucos trabalhos acadêmicos que tratam da Literatura Amazonense.

Pensando nessa questão, surge a necessidade de conhecer a obra amazonense “Relato de Um Certo Oriente” de Milton Hatoum, levando-a para duas escolas públicas do município de Parintins/AM para, então, analisar a recepção leitora dos alunos sobre a obra, através de seus relatos de experiências. A metodologia que se propõe nesta pesquisa, busca-se na Teoria da Recepção de Hans Robert Jauss, alternativas para mostrar aos alunos uma obra até então desconhecida por eles, podendo ter uma leitura com visão de mundo que possa contribuir com a sua formação, aproximando a Literatura Amazonense da escola pública e dos alunos.

Diante desse contexto é que se prioriza nesta pesquisa a análise da recepção leitora dos alunos sobre a obra “Relato de um certo Oriente”, em duas escolas públicas de Parintins/AM, sendo de suma importância para os estudantes saberem e conhecerem a Literatura Amazonense, que durante muitos anos foi sendo esquecida e pouco valorizada no meio acadêmico.

A pesquisa está organizada da seguinte forma: no Capítulo I: A Teoria da Recepção sob diferentes olhares, que trata de como diversos autores veem a Teoria da Recepção para compreendermos como ela é; A literatura e suas funções; O ensino de literatura – o que e por que ensinar através da obra literária?; A Literatura Amazonense: O Clube da Madrugada; O ensino de Literatura Amazonense: desafios e perspectivas; A recepção leitora da obra “Relato de um certo Oriente” pela pesquisadora; A recepção leitora da obra “Relato de um certo Oriente” de outros pesquisadores, no Capítulo II: Metodologia: Os caminhos da pesquisa, que mostra o caminho da pesquisa percorrido; Aulas aplicadas em sala de aula sobre a obra “Relato de um certo Oriente” em uma escola pública de Parintins/AM; A recepção leitora da obra “Relato de um certo Oriente” do escritor amazonense Milton Hatoum; Relato de experiência sobre a recepção leitora dos alunos e as Considerações finais acerca do trabalho; Referências e os Anexos.

Com base nisso, definiu-se como objetivo geral analisar a recepção leitora dos alunos sobre a obra “Relato de um certo Oriente”, em duas escolas públicas de Parintins – AM, desta forma, como objetivos específicos definiu-se refletir sobre a leitura da obra e sua importância nos estudos de Literatura Amazonense e identificar como os alunos receberam a obra, o que viram e o que sentiram ao lê-la em sala de aula.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A TEORIA DA RECEPÇÃO SOB DIFERENTES OLHARES

Os estudos sobre a recepção literária têm discutido bastante efeito e significado do texto para o leitor contemporâneo, além de reconstruir um caminho histórico que traz um texto ou uma obra a diferentes leitores de épocas diversas. A teoria da recepção despertou um novo interesse para as pesquisas em história da recepção, o que promoveu diversas mudanças de paradigmas no estudo da literatura.

O conceito fundamental da teoria de Jauss (1994), que além de teórico é também historiador da literatura, provocou um grande impacto nos meios acadêmicos dos estudos de literatura da época, de que a obra literária está dirigida ao leitor. Para esse teórico é necessário estabelecer a comunicação entre texto e leitor para avaliar seu acúmulo de experiências desse mesmo leitor num determinado momento histórico.

A recepção leitora serve para efetivar um texto ou obra literária como objeto de estudo e de receber, observar o entendimento do aluno sobre o que leu, de forma que o leitor produza sentidos através de experiências no momento da leitura.

Na Estética da Recepção há essa preocupação com o leitor, como este recebe o texto ou obra lida e o interpreta, é uma Teoria da Recepção de Hans Robert Jauss (1921-1997) nascida na Alemanha em 1960 e depois contou com atribuições de outros autores.

A teoria da recepção examina o papel do leitor na literatura e, como tal, é algo bastante novo. De forma muito sumária, poderíamos periodizar a história da moderna teoria literária em três fases: uma preocupação com o autor (romantismo e século XIX); uma preocupação exclusiva com o texto (Nova Crítica) e uma acentuada transferência da atenção para o leitor, nos últimos anos (EAGLETON, 2006, p. 113).

Para a estética da recepção, existem obras que não exigem do receptor qualquer mudança em seu horizonte de expectativas e outras que rompem com esse horizonte conhecido, formando um conhecimento novo para o leitor. Dessa maneira, o leitor é levado a reconhecer-se e reconhecer as coisas do mundo, permitindo vários olhares e várias leituras, com criatividade, de forma positiva ou negativa.

Zilberman (1989) explica a hermenêutica citada por Jauss, a qual apresenta três etapas: a compreensão, a interpretação e a aplicação. A compreensão é o ponto de partida do processo da leitura, a fase seguinte é a leitura retrospectiva, o terceiro momento é o da leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo. Segundo as palavras de Zilberman:

Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção [...]. De um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos (1989, p. 70).

Na Estética da Recepção, o sentido da leitura literária se dá na junção entre os dois momentos básicos do processo, que são: o momento do efeito, que é condicionado pelo texto, e o momento da recepção, que parte do leitor. Nas experiências trazidas pela obra e pelo leitor, se inicia o processo de significação, dando sentido ao texto. A compreensão decorre de uma percepção estética, que é o início do processo de leitura.

Além da leitura compreensiva, temos a leitura retrospectiva, na qual se dá a interpretação do leitor, e que se chama assim porque pode, no processo, voltar do fim para o começo ou do todo ao particular. Só depois o leitor estará preparado para a leitura histórica, ou seja, para o momento de recuperar a recepção da obra, do qual o leitor realizou a leitura. É um momento em que, através da interação e questionamento do texto, o leitor também é levado a interrogar-se.

Ingarden (1979) argumenta que uma obra literária nunca é apreendida totalmente, pois as normas e valores que o leitor possui são modificados pela experiência da leitura e os acontecimentos imprevistos que surgem, no decorrer desta, obrigam-no a reformular suas expectativas e reinterpretar o que já leu.

Sendo assim, qualquer obra literária só se autentifica diante da ação do leitor, que recebe a obra e a partir dela, pode analisá-la sob diferentes perspectivas, contendo coerência. Pois sob o viés da Estética da Recepção, o que mais interessa é o confronto entre a obra construída pelo autor e as reconstruções elaboradas pelo leitor, tendo a sua própria interpretação do que leu.

O texto deixa de ser um objeto e a leitura passa a ser um processo de reconstrução da obra literária, pela intervenção do leitor. Os leitores apresentam suas expectativas em relação a uma obra, contextualizando com outras leituras realizadas no decorrer de suas vidas, especialmente aquelas que pertencem ao mesmo gênero literário.

Como nas aulas de literatura, visamos formar leitores capazes de expressarem seus sentimentos, envolvendo-se com as obras e seus autores, confrontando a representação do mundo do autor com a representação do mundo do leitor, propõe-se trabalhar o ensino da literatura embasado na recepção leitora. Através desta concepção, o leitor concretiza ou não, revela-se um ser capaz de emitir juízos e reflexões sobre aquilo que leu.

A recepção leitora valoriza o autor, leitor e o texto, como meio de trazer o gosto pela leitura, sem se afastar da obra, mas podendo ser compreendida pelas condições de recepção que variam com o passar do tempo. Uma obra só resiste ao tempo em função da atuação do público leitor e não em função dela mesma; a estética da recepção concebe, assim, a obra literária como um objeto histórico.

Cada leitor está em determinado contexto histórico, com suas concepções e entendimentos, a recepção é uma reação individual ou coletiva desses leitores com efeitos produzido nos mesmos, onde é possível originar outra obra através da recepção leitora, pois a recepção é o leitor.

Deve-se enfatizar que a recepção exige muita reflexão e pesquisa. Seu êxito foi revalorizar o acúmulo de experiência humana no mundo, como condição fundamental para definir a qualidade de uma obra.

1.2 A LITERATURA E SUAS FUNÇÕES

A discussão sobre o que é literatura, é um dos assuntos mais controversos, e conseqüentemente, o mais discutido na área dos estudos literários do mundo todo, visto que o conceito está vinculado às determinadas épocas e culturas.

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita "imaginativa", no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede (EAGLETON, 2006, p. 13).

A literatura é a arte da palavra, além de ser um instrumento de comunicação social, transmite, vivencia os sonhos e a vida de diferentes realidades, situações, o imaginário, os ideais e a cultura de uma comunidade, cada época compreendeu e produziu a literatura a seu modelo. Conhecer a literatura em cada época, com textos estranhos é conhecer que o ser humano possui uma vasta extensão a explorar, com os ideais e valores ou desvalores que nos mostram ou nos lembram.

Romero (1980) entendia por literatura as manifestações de inteligência de um povo, independentemente do caráter prazeroso que essa produção pudesse conter. Isso porque o

autor não reservava essencialmente à literatura a função estética e inventiva, mas também às manifestações de inteligência referentes ao conhecimento de um povo, seja esse conhecimento propriamente artístico ou não.

Em nossa época buscamos entender a literatura como um processo que não tem uma função definitiva, pois em cada leitor a literatura se relaciona de forma diferente. Para além do prazer e emoção estéticos, a literatura contemporânea visa construir ou transformar o lado crítico de seu leitor/receptor, enquanto sujeito.

Segundo Lajolo (1987), a literatura pode ser considerada como objeto de criação, pois ela dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do abandono da inexistência do desconhecido e, conseqüentemente, do não existente para cada um. E, o que é fundamental, ao mesmo tempo em que cria, aponta para o provisório da criação.

No encontro com a Literatura, os homens têm a oportunidade de ampliar e transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. E em todos os casos a definição do conceito de literatura é de difícil delimitação, contudo é interessante observar como os autores encontram formas de tentar definir a literatura.

A literatura além de ter uma natureza, ela também tem função, ou melhor, funções que desde a antiguidade, se enaltecia a função da literatura, centrando-se no grau catártico. Segundo D'Onofrio (2002) as funções da literatura são “estética, a arte da palavra e expressão do belo; lúdica, provocar um prazer; cognitiva, a forma de conhecimento de uma realidade; catártica, a purificação dos sentimentos; e pragmática, a pregação de uma ideologia (p.23)”.

Dessas funções da literatura, a estética cumpre o papel de gerar admiração pelo belo. Quando um texto literário tem essa função, o que se percebe é que seu principal objetivo é gerar a admiração do leitor e valorizar a beleza da obra através da escrita e capacidade criativa. Na literatura, combina-se a forma e o conteúdo. O estranhamento que uma obra causa, tudo isso faz parte desta função.

Já a função lúdica ocorre por meio jogos, no qual o artista executa a literatura por prazer, que pode ser como forma de trabalho ou até mesmo como um passatempo, e o leitor sente o prazer de ler um texto. E isso necessita de dois componentes, que são o emissor e o receptor para realizar as leituras e eles não convivem simultaneamente.

A função cognitiva é que evidencia o que a literatura produz em um certo grau de conhecimento, que é passado ao leitor, transmitindo o conhecimento, de tal forma com o passar do tempo, sobre as histórias, sentimentos variados, situações humanas e as características culturais, pois elas não deixam de ser um conhecimento a ser repassado.

A função catártica ou catarse, apontada por Aristóteles, é aquela que faz com que o leitor purifique os seus sentimentos, e o faz repensar seus próprios valores e atitudes como pessoa ao se defrontar com uma obra literária. Isso ocorre por vários fatores e depende muito da vivência de leitura do leitor e da capacidade do escritor de aguçar a imaginação do leitor. Faz com que este avalie os valores referentes ao direito à vida e as ideologias que são pregadas pela humanidade.

A função pragmática é uma função ética, onde a denúncia e a crítica estão presentes, se centra na questão da capacidade da arte literária em pregar uma ideologia. Pregando uma ideologia em Literatura Brasileira tem ocorrido com mais frequência do que os leitores e críticos possam imaginar, como nas obras do Romantismo e do Modernismo.

A procura do significado da palavra literatura, talvez passe segundo Eagleton (2006) não pelo fato dela ser ficcional ou imaginativa, mas porque ela “transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana” (p.2). Talvez seja por este motivo, que a literatura não necessita de definição, mas sim de mecanismos que demonstrem o que ela é e o que ela faz com temas, com ideologias, com as palavras e com a arte do homem sem ocultar o real.

Ela faz parte de todas as fases da vida escolar, despertando sentimentos que são comuns nos seres humanos, e ao construir essas realidades, tem um importante papel formador que possibilita aos estudantes que trabalhem essas diversas habilidades, além da interpretação e senso crítico.

1.3 O ENSINO DE LITERATURA – O QUE E POR QUE ENSINAR ATRAVÉS DA OBRA LITERÁRIA?

Se tratando do papel da literatura e seu ensino, observa-se que ao longo do tempo, manteve-se distante de seu público alvo nas escolas, em virtude da forma que era passada, carregando uma “elitização” que não tinha nada a ver com a perspectiva social e cultural. Intensificaram-se e se expandiram na virada da década de 1970 para a de 1980, em função das mudanças do contexto sociocultural brasileiro.

A literatura, assim considerada, “encarnava a utopia de uma escola renovada e eficiente, de que resultavam a aprendizagem do aluno e a gratificação profissional do professor” (ZILBERMAN, 2009, p. 13).

O ensino de literatura é a forma mais antiga de ensinar, e não pode ser confundida ou reduzida somente à transmissão de ideias morais, tem que destacar nela a contribuição para

um exercício da linguagem coletiva ou individual. Assim, como as obras literárias e a sua abordagem em sala de aula, contribuindo com a formação e experiência do leitor.

Como toda categoria que é substanciada por sistemas de pensamento, o ensino também vivenciou várias e grandes modificações, que se tornaram permanentes na segunda metade do século XX.

Ampliação do acesso à escola, mudanças nas estruturas políticas e sociais e a emergência de novos meios de comunicação interpuseram vários redirecionamentos à escola e às suas práticas (IPIRANGA, 2019).

A literatura, há muito tempo teve seu ensino praticado por uma tradição literária, enfrentando diversos desafios para ocorrerem mudanças do ensino. Uma das alternativas para um novo caminho no processo deste ensino é o letramento literário, que vai além do aprendizado do aluno através de decodificações de signos linguísticos, utilizando estratégias para a compreensão das formas de comunicação.

Segundo Zilberman (2009, p. 16-17):

Atualmente não mais compete ao ensino da literatura a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. Por sua vez, a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa.

O aprendizado da literatura está ligado ao desenvolvimento da vontade de ler, do incentivo à leitura. No entanto, os professores sofrem muitas dificuldades em trabalhar o ensino da literatura na escola, por isso, é imprescindível as escolas adotarem práticas de leitura com o objetivo de formar sujeitos críticos e criativos. Pois a leitura literária necessita de um teor crítico que possibilite a participação do leitor, assim o leitor pode acrescentar suas vivências, que seriam elementos fundamentais para a aproximação entre os alunos e os textos literários.

O texto literário traz na sua própria construção o processo da escrita e da leitura, demonstrando uma experiência de reflexão na qual o leitor também é agente, na medida em vive e que pode levá-lo a uma transformação, no embate com suas vivências individuais ou coletivas. No processo de recepção, o leitor assume sua postura de coautor da obra lida, atribuindo sentido aos textos, colocando-se numa condição de criticidade em relação à leitura, enfim, assumindo um papel de leitor-sujeito.

O ensino da literatura, como de qualquer outra disciplina que exija a leitura, tem como princípio tornar o estudante em leitor fluente e interessado no hábito de ler. Contudo, para que o aluno que sabe ler, se transforme em um leitor, precisa de um mediador, que seria o

professor, incentivando a leitura como algo agradável, mostrando a possibilidade de novas perspectivas acerca das coisas, permitindo adquirir um senso crítico diante do mundo. As obras literárias são um importante passo na vida escolar.

É igualmente sob esse prisma que se pode entender porque os “ombros” do professor “suportam o mundo”, visto que são atribuídas a ele várias e distintas missões: alfabetizar, facultar o domínio, pelo aluno, do código escrito, formar leitores qualificados de textos literários. Talvez por serem muitas as tarefas e as condições de trabalho provavelmente precárias, escola e professores raras vezes alcançam qualquer um desses resultados, a se acreditar nos testes a que são submetidos os estudantes, quando se revelam pouco aptos aos tipos de leitura indicados (ZILBERMAN, p. 15).

A literatura traz consigo diversas finalidades de extrema importância para o ensino de Língua Portuguesa enquanto língua materna, que vem para contribuir, aprimorar e influenciar o ensino e a aprendizagem a partir de uma perspectiva da recepção leitora e constitutiva da identidade do sujeito estudante.

Nas aulas de literatura, visa-se formar leitores capazes de expressarem seus sentimentos, envolvendo-se com as obras e seus autores, confrontando a representação do mundo do autor com a representação do mundo do leitor.

Os autores chegam à conclusão da tão grande importância de conhecermos as obras de literárias, de nos apropriarmos de conhecimentos que só por meio dos livros literários conseguiríamos alcançar, ou seja, conhecendo fatos do passado, situações vividas, conhecimentos das diferentes culturas e situações diversas, desde os primeiros escritos literários medievais, até as obras da literatura contemporânea. A escola precisa ensinar através das obras literárias, pois contribui não somente para reflexão sobre o mundo, mas, cria realidades e forma leitores preparados, dentre outras habilidades.

A partir da recepção do texto literário, atribui-se aos alunos um movimento dinâmico, pois eles não apenas consomem as informações que o professor transmite, mas eles próprios produzem os textos, escrevem e leem, trabalhando com as experiências que vão adquirindo no decorrer do processo das leituras. Sobre isso, é muito propícia uma fala de Eco (2003, p. 12):

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante de ambiguidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto.

O ensino da literatura é uma atividade transformadora, que forma novos significados, causando mudanças socioculturais, motivando uma postura crítica diante da realidade. Não

existem fórmulas prontas para o ensino da literatura, vai muito do bom senso e sensibilidade do professor, além de uma preparação adquirida de muitas leituras e de um planejamento com ideias teóricas que permitam uma boa junção entre os propósitos do professor e a força de vontade dos alunos.

Cabe ao professor explorar a obra literária dentro de sala de aula, dando a possibilidade de aproximação do mundo e do indivíduo, construindo essa leitura das obras a partir do leitor, de forma que possa ir se envolvendo e se posicionando em relação ao que lê.

Promover o diálogo com a literatura, mostrando que seu ensino significa ir além das obras isoladas, podendo analisar a função do discurso e os fatores que o condicionam. Na escola fala-se muito sobre literatura, porém, lê-se muito pouco os textos dessa natureza.

Com isso, partido do princípio que o ensino de literatura vem para contribuir, aprimorar e influenciar o ensino e a aprendizagem em língua materna, optou-se por ofertar aos estudantes uma literatura mais próxima de suas vivências, ou seja, com enfoque para o texto amazonense.

1.4 A LITERATURA AMAZONENSE: O CLUBE DA MADRUGADA

A produção literária do Amazonas é marcada por uma tradição de escritores através do Clube da Madrugada, que é um movimento que teve grande importância nas décadas de 1950 e 1960, fundado no dia 22 de novembro de 1954, revelando autores de muito talento, dos quais ainda continuam produzindo até hoje. O Clube da Madrugada, em termos literários, foi fundado em Manaus, com o surgimento de diversos escritores que estabeleceram um novo olhar sobre a realidade da região.

Certamente o Clube da Madrugada é o mais importante movimento cultural do Amazonas. Sob seu influxo se produziram dezenas de obras de ficção (contos, romances), talvez centenas de livros de poemas, sem contar seu papel nas outras artes, como pintura, música e mesmo na área da teoria. Salvo exceções mais recentes, todos os escritores importantes do Amazonas, desde 1954, a ele pertencem ou pertenceram (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 263).

Até hoje, a produção literária é marcada pela presença de vários autores, todos tem destaque do Clube da Madrugada, em especial, Milton Hatoum, que conquistou reconhecimento nacional pela força expressiva do seu trabalho romanesco.

O surgimento do Clube da Madrugada em Manaus coincidiu com o desejo de renovação estética vivida por um grupo de poetas, escritores, intelectuais e artistas plásticos que estavam cansados do isolamento cultural proporcionado por dificuldades econômicas e geográficas. Segundo um de seus fundadores, o poeta Jorge Tufic, os antecedentes históricos do Clube estão nos primeiros encontros literários que aconteceram em 1949, na residência do poeta e pintor Anísio Mello (TUFIC, 1984).

O grupo reunia-se na praça Heliodoro Balbi (conhecida como praça da polícia) e lá discutiam não somente sobre arte e literatura, mas também sobre as questões sociais e políticas que estavam acontecendo na época.

Portanto, o movimento do Clube da Madrugada foi mais que uma manifestação cultural, pois sua preocupação se projetou para além das exposições dos trabalhos realizados pelos seus membros. Sua finalidade foi sobretudo cultural e educativa. Nesse sentido, a arte foge da perspectiva de que está vinculada apenas à subjetividade do autor, sem conotação com os acontecimentos sociais e políticos do seu tempo (AGUIAR, 2002, p. 86).

Nas obras de arte dos artistas envolvidos no movimento do Clube da Madrugada, buscavam se distanciar da arte paisagista que dominava as artes plásticas naquele período. Não só na arte como também na literatura, a visão romantizada do Amazonas é deixada de lado, a partir daí o urbano toma conta, o povo toma conta.

Desse modo, o Clube da Madrugada foi um movimento cultural que reavivou a estética local em vários âmbitos, tomando parte em todas as atividades de vanguarda da época, seja como elemento de ação, promoção ou coordenação. Havia um desejo de transgredir regras, suportes e meios tradicionais de arte (PÁSCOA, 2011, p 96).

Os artistas que estavam envolvidos nesse movimento queriam muito mais expor sua época, sua vivência e seus ideais do que dar continuidade a uma arte paisagista, de exaltação a mata ou aos vultos. Não que essa temática não deixou de fazer parte de suas obras, mas a abordagem que foi feita para esses temas é que diferenciam a abordagem desses artistas.

Numa sociedade ainda sem universidade, sem a práxis da leitura, sem o gosto pelo debate, o Clube, também chamado como Movimento Madrugada, nasceu sob o signo da polêmica, da novidade, numa reação articulada contra o generalizado marasmo e academicismo que dominavam a cultura amazonense (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 263).

Esses artistas que fizeram parte do Clube da Madrugada são muito importantes, devido ao contexto social e artístico manauara ser praticamente desconhecido pelo restante do país, e como isso impacta na cultura local. De modo que também se fez relevante a própria modificação e fomento das artes na região.

Pois, os artistas,

[...] tiveram a ousadia de combater o cansaço quase irreversível da arte tradicional para apresentar e compartilhar através do significado de suas obras o novo mundo que se formava além das fronteiras de Manaus. No entanto, ser artista afastado dos grandes centros, num momento em que o que resta são migalhas a serem transformadas em fatura, está o doloroso desafio de tornar a arte o meio coerente de se fazer uma revolução cultural (PIO; SILVA, 2014, p 32).

Sua arte era considerada como política pelo fato do tempo que ela estava inserida, o modo como recorta o tempo e povoa o espaço, podendo-se afirmar que toda a arte é um ato político, pois é feita para povoar o espaço, tomar conta, como os artistas do Clube estavam inseridos dentro desse espaço povoavam com sua arte de diversificados temas, aproveitando-

se de todo espaço disponível para povoar com sua arte, seja na praça, praia, museus ou jornais, todo o espaço disponível era utilizado.

O Clube da Madrugada foi um movimento artístico e literário que atuou nas mais diferentes linguagens artísticas como: cinema, poesia, arte gráfica e artes plásticas, sempre com o compromisso de divulgar novos talentos e incentivar a produção de seus membros, o que acabou resultando em ações como exposições de artes, festivais de cinema, programa de rádio, seminários e a publicação de suplementos (PÁSCOA, 2011).

No Amazonas, dominava um provincianismo artístico e literário (dominado por duas correntes estéticas: o academicismo e a arte naïf), até os anos de 1950, era considerado um marasmo conservador determinado pela Academia Amazonense de Letras, que recusava o modernismo, assim havia a consideração de certo atraso nas produções artísticas locais, comparado ao restante do país.

Em meio a este contexto em que vivia a cidade, um grupo de jovens desejando uma renovação cultural, fugindo do que era imposto pela Academia, rompe, de certo modo, com este isolamento cultural e geográfico.

Os membros do grupo elegeram como fundamento de ação cultural o conhecimento do que denominavam de “elementos formadores de nosso ambiente”, e, alusão ao processo histórico, social e artístico, como condição “para a efetivação de uma literatura condizente com os princípios de liberdade imanente ao artista, na sua expressão literária... (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 263).

O contato com outros intelectuais, o conhecimento de outros espaços culturais, fazem com que motivados pelo desejo de mudança, organizem-se em um grupo, onde estavam dispostos a combater a predominância cultural já arcaica para a época e levar uma espécie de renovação cultural para o Amazonas.

Jovens e vivendo um intenso processo de amadurecimento intelectual, movidos por ideais grandiosos, “procurando sistematizar um estudo dos princípios e fins do homem no Cosmo”, não suspeitavam das consequências, influência e dos resultados exitosos que o Clube da Madrugada alcançaria, tampouco do legado incontornável que deixariam para a cultura regional (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 264).

Além de toda a renovação cultural e artística, que o clube se propunha a levar para o Amazonas, também havia uma reflexão do contexto social no qual estavam inseridos.

[...] reflete seu momento, apontando os desmandos que estavam ocorrendo no país e na cidade de Manaus. Por isso, o clube na Praça foi mais que uma entidade renovadora de estilo literário local, ele opinou sobre as questões sociais vigentes, criticando o tratamento dispensado à nação e à população local (AGUIAR, 2002, p 83).

E, antes desse movimento se firmar dentro da cultura do Estado, e trazer a renovação que queriam, as artes visuais eram vistas como:

Acadêmica, paisagística, natureza-morta. Fonte de inspiração: Igapós, vitórias – régias, cataléias, vaticanos, pores-do-sol, garças, lunares amazônicos, índios, onças e jacarés. Motivos perfeitamente admissíveis na tranquilidade imitativa que preside a cópia do modelo panteísta, numa atitude alheatória aos progressos da fotografia e das artes plásticas (TUFIC, 1984, p. 94).

Como uma onda renovadora, em 1961, o Clube da Madrugada estreava o suplemento literário Caderno Madrugada, voltado para a divulgação de ensaios, poemas, contos, desenhos, pinturas, artigos sobre artes plásticas, cinema, e toda a produção do clube e ainda alguns acontecimentos culturais da cidade. Era um informativo, onde a população ficava sabendo da programação cultural da região.

A intervenção na imprensa através de publicação em periódicos, a criação de uma revista literária, a amplitude e a diversidade de interesses culturais que envolviam exposições de artes plásticas, concertos, recitais de poesia, debates e conferências, além do acentuado caráter libertário, são algumas características que fizeram do Clube da Madrugada um movimento artístico e literário típico do século XX (PÁSCOA, 2011).

Com a importância do suplemento literário para o Clube da Madrugada é encontrada nessa rede de sociabilidade e nessa expansão da arte para além dos seus pares. O suplemento foi um dos principais veículos para a divulgação de artistas plásticos, exposições e toda outra atividade envolvendo as artes visuais.

Visto assim, como um movimento geracional, de rebeldia juvenil, mas sem as informações da vanguarda e do experimentalismo, o Clube da Madrugada talvez perca seu fascínio e seu heroísmo. Mas, ressalte-se, a importância desse grupo não pode ser reduzida em razão de seu significado histórico. Os trinta anos em que o movimento viveu e produziu construíram, a *posteriori*, uma sociedade cultural mais moderna, mais informada e consciente de seu papel histórico, com um senso estético e artístico mais elevado e consistente (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 270).

O Clube da Madrugada foi criado num momento de dificuldades econômicas, tensão política e repressão ditatorial, mas tudo isso não impediu sua iniciativa. A ideia do novo e abertura artística contagiou todo o ambiente intelectual com a chama da modernidade, proporcionando uma renovação cultural dinâmica que procurava uma articulação que suplantava o espaço regional. Assim, os membros do Clube, foram além das obras literárias e visuais, deixando uma contribuição efetiva: a intervenção social e intelectual na cidade.

1.5 O ENSINO DE LITERATURA AMAZONENSE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Os estudos sobre a literatura amazonense são muito recentes, e uma das questões a serem pensadas é, de quais são os desafios e perspectivas de ensinar essa literatura própria da região, que contribuições ela pode proporcionar durante o ensino médio na escola pública. A

história da literatura amazonense foi pouco a pouco sendo escrita e inserida em um contexto socioeconômico e cultural.

Para Candido (2011, p. 176):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Como a regional, que muitas vezes foi questionada sobre a existência de uma “literatura amazonense”, por muitos anos esquecida, não fazendo parte do ensino em sala de aula, devido ao pouco acesso aos seus estudos e por não fazer parte dos conteúdos ministrados pelos professores de Língua Portuguesa.

Os primeiros passos da Literatura Amazonense surgem vinculados à temática regional dos ciclos econômicos, entre eles, a extração dos produtos naturais, escravatura: tropas de resgate e descimento de índios, a pesca e a agricultura. Convém enfatizar que os primeiros viajantes, em missões de cunho científico, abordaram a literatura pelo lado que mais lhes interessava, ou seja, por meio do levantamento da hidrografia amazônica, da formação geográfica, da exuberante flora, do reconhecimento de rios e igarapés, das riquezas, tribos selvagens, suas línguas e linguajares (MARQUES, 2022, p. 39-40).

A partir disso, o surgimento da Literatura Amazonense foi importante, por ser tão rica e contribuir não só com as obras regionais, como também com o conhecimento da região amazônica, sua cultura, sua fauna e flora, pois tudo ao redor viria ajudar na construção dessa literatura pouco valorizada.

O período colonial foi o fundamento da vida amazônica, com dois maiores marcos da literatura do Amazonas.

O primeiro momento pode ser resumido pela expressão “Sertanistas e Missionários”, formulação que descreve e oculta, com grande habilidade, um capítulo sangrento da história amazonense. [...]

É com essa substância histórica (“Missionários e Sertanistas”) que o soldado português Henrique João Wilkens irá escrever o primeiro grande documento literário do Amazonas, *Muraida* (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 31-33).

A obra “Muraida” é o primeiro texto da Literatura Amazonense, um poema épico de menor extensão, escrito em 1785, mas que foi publicado somente em 1819, em Lisboa. Defensora do colonialismo, onde a fé e o nome de Deus são colocados, tendo o Espírito Santo como herói e a religião católica é a sua ideologia de salvação. Também considerada um epílogo de Camões, baseada no poema “Os Lusíadas”.

O segundo marco que repercutiu de maneira expressiva na criação literária, foi o sucesso relativo à autonomia da região em relação ao Estado do Grão-Pará em relação a coroa. O Amazonas vivia nessa época uma situação ambígua e explorado pela taxa excessiva do governo do Pará.

No surgimento da Literatura Amazonense houveram preocupações em discutir e relatar sobre a descoberta do território e colocar em destaque a visão do português em relação à história do povo nativo.

A literatura amazonense surgia ainda sendo escrita por estrangeiros com a finalidade de enaltecer os conquistadores colocando o índio como ser vazio, mas quem assume o papel de primeiro poeta amazonense é Tenreiro Aranha. Sendo criado por padres e nascido em Barcelos, Tenreiro Aranha teve como maior obstáculo a falta de valorização por ser amazonense (COSTA, 2017, p. 16).

Com o fim do período áureo da borracha, a literatura amazonense é marcada por uma tentativa de explicar ou entender a “depressão” pela qual a região passava, a missão era compreender o que “restou” do Amazonas; a crise econômica, política e social foi o pano de fundo de inúmeras produções literárias deste período. Apesar de um certo atraso em relação à época, as obras de diversos autores foram inspiradas em tendências parnasosimbolistas, modernistas e naturalistas.

Para Monteiro (1976), a literatura amazonense nas primeiras décadas da República Velha tratava o seringueiro enriquecido com um tom de deboche, atribuindo-lhe certa estupidez, pois não havia um preparo para o convívio junto a sociedade burguesa.

Criando-se uma produção literária que buscava compreender e identificar a verdadeira Amazônia, por este motivo o elemento nativo era amplamente enfatizado em diversas obras das décadas de 1920 a 1950, até esses estereótipos serem desconstruídos por outros autores em que buscavam mostrar a sua importância na construção de uma identidade regional.

Segundo Costa (2017, p. 15), a literatura Amazonense no seu surgimento teve influência de literaturas estrangeiras e da própria literatura brasileira e por conta de sua gênese sofre com a desvalorização. Márcio Souza, em sua obra “Expressão Amazonense”, mostra a trajetória que a literatura amazonense faz para se fixar como literatura.

No caso particular da literatura amazonense, os poetas buscavam revelar, desenvolvendo a temática dos mitos, um tipo de crença fruto da introspecção do ser humano que vive em comunhão com a natureza, para o qual tudo o que existe ao seu redor pode ser impregnado de conteúdo fantástico, tudo pode ser objeto de abusões.

A Literatura no Amazonas, assim como a brasileira, apresenta fases, as quais sempre estão décadas atrasadas aos movimentos e estilos de cada época literária. Um problema crucial no ensino é a falta de prestígio que essa literatura tem nas escolas, principalmente no município de Parintins/AM, mesmo com a qualidade estética das produções feitas por grandes autores e grandes obras, é pouco ou raramente estudada, havendo a necessidade de valorização até mesmo pelos próprios amazonenses.

Dentre os inúmeros desafios enfrentados pelo ensino da Literatura Amazonense, podemos observar que é pouco ou nada utilizado dentro de sala de aula, com a escassez das obras literárias que também não são compartilhadas para os alunos. Mesmo com o surgimento de uma nova literatura concreta e comprometida, não mudou muito durante os anos a falta de estudos sobre a Literatura Amazonense.

As obras literárias que adentram as escolas, como material didático, são sugeridas por editoras que não priorizam editores locais. Assim, os estudantes do ensino médio, leitores em potencial, não tem acesso a nossa literatura, produzida por escritores amazonenses. Essa literatura regional tem o mesmo valor para a formação de leitores como a literatura clássica. Ela pode ser utilizada em sala de aula para a formação de leitores iniciantes.

Esses acontecimentos desencadearam no Amazonas, nas duas últimas décadas, o advento de um processo editorial em torno do livro para crianças e jovens. Autores passaram a se dedicar a esse gênero e dezenas de títulos foram publicados. O aspecto mais significativo dessa experiência foi o surgimento de uma literatura infantojuvenil com forte componente local – com obras versando sobre temas regionais e com uma ambientação voltada para o imaginário amazônico (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 663-664).

Além disso, essas obras literárias colocam em evidência o dia a dia do povo da região. O que provoca a imaginação do leitor, e que apesar de morar no Amazonas, desconhece o próprio ambiente e a própria cultura, por falta de conhecimentos e divulgação do que é produzido por escritores de nossa região.

O desafio de promover a literatura amazonense nas escolas públicas é grande, haja vista que apesar de ainda ser considerada uma literatura nova, o sistema de educação pouco valoriza a literatura regional, e não precisa de muitas pesquisas para chegar a tal conclusão. Assim, a escola sempre fica em desvantagem em relação a outros mecanismos pelos quais os estudantes recebem sua educação. Porém, quando conseguimos traçar metas de envolvimento e desenvolvimento dos estudantes com sua aprendizagem em relação a conhecer e estudar a Literatura Amazonense, as perspectivas do sucesso em mostrar a importância dessa literatura nas escolas públicas, é garantido.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA: OS CAMINHOS DA PESQUISA

Para os conhecimentos da presente pesquisa, fez-se um levantamento bibliográfico, sendo de fundamental importância para consistir no primeiro passo da construção deste trabalho. Abordando a Teoria da Recepção de Hans Robert Jauss (1994), que busca alternativas para apresentação da literatura aos alunos sem eliminar a história, aproximando os autores e obras de diferentes épocas e a literatura de outras linguagens artísticas.

Segundo Zilberman (1989, p. 70):

Não é durante o colóquio citado que Jausse apresenta provas práticas de sua proposta metodológica, e sim numa versão posterior e mais completa do ensaio. Mais uma vez o processo é dividido em três etapas: a primeira corresponde ao horizonte progressivo da experiência estética, quando reconstitui a apreensão do texto através da leitura - “a percepção estética é acompanhada in actu e descrita como efeito das estruturas poéticas, como também das ainda abertas estruturas significativas do texto”; a segunda, ao “horizonte retrospectivo da compreensão interpretativa”.

Esta pesquisa tem, portanto, como método de abordagem o estudo fenomenológico, isto é, não se constitui da dedução e nem do empirismo, mas é construído através do fenômeno, pois este não se preocupa em comprovar algo real. Para Gil:

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada (2008, p. 15).

O método de procedimento que norteou a pesquisa foi o comparativo, que compreende estabelecer paralelos entre dois ou mais objetos de estudo, para analisar semelhanças e diferenças. Sendo muitas vezes visto como superficial em relação aos outros, porém, existem situações em que seus procedimentos são rigorosos e seus resultados proporcionam elevado grau de generalização.

Sendo uma pesquisa qualitativa, que exprime tendência, gosto, desejo etc., que aborda a recepção leitora, assim como a escolha da obra que se deu a partir da necessidade da pesquisadora por perceber, a ausência do ensino de Literatura Amazonense no Ensino Médio bem como o interesse em conhecer e entender o porquê de estudarmos tão pouco as obras literárias amazonenses, pois o livro didático não oferece esse estudo nas aulas de Língua Portuguesa, tornando comum, estudantes assim como a pesquisadora, não terem proximidade a essa literatura, isto pelo fato de não fazerem parte do conteúdo das aulas durante a formação literária, no Ensino Médio. Assim, a pesquisadora pôde levar a obra *Relato de um certo Oriente* para duas escolas públicas de Parintins/AM.

A obra “*Relato de um certo Oriente*”, escolhida por ser uma obra amazonense e de um escritor amazonense chamado Milton Hatoum, é uma história contada através de relatos que nos fazem imaginar as situações e conflitos vividos pelos personagens e que relembra a infância, as memórias do passado, contada no Amazonas no município de Manaus/AM, o que torna a obra ainda mais próxima da realidade de muitas pessoas.

A pesquisadora busca mostrar para os alunos, que existem obras amazonenses que contam histórias de vidas parecidas com as que vivem, assim fazendo-lhes conhecerem apenas uma, entre diversas obras existentes da Literatura Amazonense.

Houveram mudanças em relação ao projeto, pois no início, a pesquisa foi pensada de outro jeito, tendo como proposta no projeto escrito em criar releituras da obra, em forma de histórias em quadrinhos e a presente pesquisa seguiu com relatos de experiências feitos pelos alunos de duas escolas públicas do município de Parintins/AM, onde foram aplicadas as aulas. Visto que se tornou de melhor acesso para os alunos obterem a recepção leitora da obra e contextualizar com suas experiências de vida.

Primeiramente, a pesquisa seria feita em apenas uma escola pública de Parintins/AM, mas se tornou necessário pesquisar em outra escola, pois os resultados não foram atingidos somente na primeira escola, os alunos não conseguiram seguir como foi esperado no plano de aula, e não realizaram o relato de experiência, apenas escreveram resumos retirados da internet, não contemplando a pesquisa.

O que serviu para comparar os resultados de uma escola localizada em uma zona considerada periférica e outra localizada no centro da cidade, visto que são realidades completamente diferentes. Assim, a pesquisadora buscou uma segunda escola para então, conseguir os resultados desta presente pesquisa.

Como na obra, onde são feitos relatos de memórias da vida dos personagens, os alunos do Ensino Médio das determinadas escolas públicas do município de Parintins/AM, obtiveram a recepção leitora da obra em forma de relatos de experiência, logo, o fim não foi parecido com o começo, mas serviu para a pesquisa ser contemplada, do jeito que foi planejada no decorrer do tempo.

A primeira escola, em que a pesquisa foi realizada está localizada num bairro considerado periférico da cidade, e atende principalmente a alunos dessa determinada área. Comporta alunos apenas do Ensino Médio. A instituição conta com doze salas de aula para atendimento das turmas do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio. Além disso, a escola possui uma secretaria para atendimento à comunidade escolar, uma sala de direção e uma biblioteca, durante a implementação da pesquisa, na referida escola não havia, na biblioteca nenhum livro de Milton Hatoum e poucos livros de Literatura Amazonense.

Com relação aos aspectos estruturais da instituição, a escola conta com cozinha, refeitório, sala dos professores, quadra de esportes coberta, banheiros para professores e banheiros para os alunos. Em relação aos equipamentos, a escola tem televisão em quase

todas as salas, caixas de som e microfones para utilização em reuniões e eventos. A instituição possui ainda uma impressora para todo o atendimento escolar e uma rede de internet para acesso geral da escola.

No bojo dessa instituição escolar, a presente proposta de pesquisa foi levada a termo em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, do turno matutino, com 40 alunos, com idades entre 16 e 17 anos. Os alunos são oriundos do bairro em que a escola está localizada e de outros bairros próximos à escola. Esses alunos foram bem receptivos em relação a obra que foi apresentada, porém não cooperaram seguindo o objetivo proposto pelo relato de experiência, a maioria dos alunos não leram a obra, e sim, buscaram resumos da internet, de forma que se tornasse mais fácil para realizarem a atividade, o que fez com que a análise de dados não fosse satisfatória.

A segunda escola pública, onde a pesquisa também foi realizada, está localizada no centro da cidade de Parintins/AM, sendo considerada uma escola de “elite”. Atende alunos apenas do Ensino Médio do 1º ao 3º ano, com turnos matutinos e vespertinos, possui 10 salas de aula, secretaria, biblioteca, auditório, sala dos professores, cozinha, banheiros, nas salas há data-shows, caixas de som, câmeras de segurança, e ainda possui wi-fi, possibilitando o acesso de todos da escola.

A pesquisa também foi levada para alunos do 2º ano do Ensino Médio, no turno matutino, sendo 41 alunos entre 16 e 17 anos de idade, alunos esses que residem em bairros próximos da escola ou bairros distantes.

Na perspectiva proposta deste trabalho, a pesquisa bibliográfica, conforme Severino (2013, p. 106) “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”.

E a pesquisa de campo, conforme:

O objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (surveys), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos (SEVERINO, 2013, pg. 107).

A técnica desta pesquisa é descritiva. Segundo o teórico Severino (2013, p. 175), “considera-se monografia aquele trabalho que reduz sua abordagem a um único assunto, a um único problema, com um tratamento especificado”.

Por isso, a descrição das análises dos relatos de experiências dos alunos depois da aplicação das aulas foi exclusivamente da obra *Relato de um certo Oriente*, como uma obra aberta, que é aquela que o autor não finaliza, pois a recepção leitora é uma coisa nova, um novo campo em relatar uma experiência.

Os trabalhos científicos serão monográficos na medida em que satisfizerem à exigência da especificação, ou seja, na razão direta de um tratamento estruturado de um único tema, devidamente especificado e delimitado. O trabalho monográfico caracteriza-se mais pela unicidade e delimitação do tema e pela profundidade do tratamento do que por sua eventual extensão, generalidade ou valor didático (SEVERINO, 2013, p. 176).

Ao final de todas as ações aplicadas aos alunos, notou-se que o interesse e participação em conhecer a obra de cunho amazônico foi razoável no início da abordagem na primeira escola onde foram ministradas as aulas, os alunos manifestaram interesse em querer saber mais sobre a obra. Porém, não realizaram o principal objetivo, que consistia em ler a obra “*Relato de um Certo Oriente*”, para então concluir o relato de experiência. Com isso, os objetivos da presente pesquisa no que tange à reflexão sobre a importância da literatura amazonense lida por estudantes do Ensino Médio, de uma escola pública do interior do Amazonas, não foram atingidos.

Na segunda escola, após a aula ministrada pela pesquisadora, e todas as orientações explicadas, os alunos demonstraram curiosidade após a apresentação de um resumo da obra. A aula foi mais dinâmica, deixando-os livres para fazerem a atividade em casa, que consistia em fazer um relato de experiência em forma de entrevista, pois a pesquisadora teve pouco tempo para colher a sua pesquisa de campo, visto que lhe foram disponibilizados apenas dois tempos de aulas, que serviu também para facilitar a descrição dos relatos e a compreensão da obra lida, e assim seguir para as análises dos dados.

Certamente que a recepção leitora da obra *Relato de um Certo Oriente* muito contribuiu com as aulas de literatura, nas escolas de Ensino Básico.

2.1 AULAS APLICADAS SOBRE A OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE”.

Para as aulas ocorrerem na primeira escola pública, foi solicitado ao professor de Língua Portuguesa, que compartilhasse a obra em formato de PDF no grupo de Whatsapp dos alunos, visto que, após a maioria manifestar que possuíam telefones celulares e a escola disponibilizaria o acesso a internet, através do grupo via aplicativo de Whatsapp para facilitar o compartilhamento de documentos que contribuíssem para o aprendizado dos alunos, se

tornou viável para que houvesse uma leitura prévia da obra no formato de pdf, para então seguirmos com as aulas para a presente pesquisa.

A aulas ocorreram nos dias 24/08/22 no primeiro tempo de aula e dia 25/08/22 no primeiro e segundo tempo de aula em uma determinada escola pública de Parintins, localizada em uma zona considerada periférica da cidade. No primeiro dia da aula, que foi iniciada com explicações sobre o autor Milton Hatoum, e exposição da obra “Relato de um Certo Oriente” através de slides explorando o conteúdo geral da obra, para a introdução e conhecimento dos alunos, que até então desconheciam o autor e a obra já tinham lido previamente.

Os alunos foram bem receptivos e prestaram bastante atenção nas explicações. Pôde-se observar que os alunos se interessaram em conhecer mais sobre a obra, pois ainda não conheciam nada sobre a Literatura Amazonense, o que fez com que ficassem curiosos para conhecê-la.

No segundo dia, foram utilizados dois tempos de aula para a finalização. No primeiro momento, foi feita a divisão em sala de aula, com grupos de três componentes para a leitura da obra e falar sobre o que retrata a memória de cada personagem. A partir disso, no segundo momento realizar um debate oral com os alunos para que os grupos apresentassem as falas dos personagens.

Logo após esse debate que serviu para relembrar a obra, foram solicitados relatos de experiência leitora com as seguintes indagações: O que eu vi e o que eu senti ao ler a obra ou o capítulo de “RELATO DE UM CERTO ORIENTE”? Feitos na sala de aula pelos alunos, e assim que terminaram, foram recebidos os relatos, no qual foi possível observar que os alunos fizeram de forma muito rápida e diferente do que se propôs, poucos queriam ler para mostrar a sua experiência ao ler o livro, relacionando com sua experiência de vida, do seu cotidiano, com descrições de situações que lembraram de sua infância ou até mesmo de sua realidade atual.

E, assim, após a aula finalizada, seguiu-se para a análise desses relatos, onde observou-se que a pesquisa ficaria melhor se a recepção leitora se estendesse a mais uma escola pública da cidade de Parintins.

A aula ministrada na seguinte escola pública, ocorreu no dia 07/03/2023, no turno matutino, em dois tempos de aula, com alunos do 2º ano do Ensino Médio. Iniciada com uma aula expositiva, com utilização de slides, sobre a biografia do autor da obra Milton Hatoum, para os alunos terem conhecimento e logo após, a pesquisadora explorou partes importantes

da obra de forma que os alunos entendessem e se interessassem em conhecer e ler a obra “Relato de um Certo Oriente”. Assim fez-se um breve resumo do que se tratava cada capítulo.

Em seguida, foram feitas explicações sobre o que seria um relato de experiência, que foi em forma de entrevista, que pudesse facilitar a recepção leitora dos alunos ao ler a obra e responder com as seguintes perguntas: “O que você achou de impactante na obra que tem relação com a sua vida ou com a vida de outras pessoas do seu convívio?” “Relate sobre um episódio do livro “Relato de um Certo Oriente”, que retrata algum acontecimento na sua vida ou na vida de outras pessoas.” e “Suponha que você seja o (a) escritor (a) da obra, qual final você daria para o romance ou para a história de vida de algum personagem que mais lhe impactou?”.

Tornou-se viável pensar dessa forma para que os alunos contextualizassem a obra com o seu cotidiano, e realmente lessem e realizassem a recepção leitora, visto que a primeira pesquisa não foi um sucesso, pois houve muitas dificuldades em relacionar a obra com alguma vivência pessoal, tendo como principal dificuldade a falta de leitura, por pensarem ser obras consideradas “chatas”, a pesquisadora buscou na seguinte escola fazer uma aula dinâmica, relacionando e dando exemplos de como contextualizar com assuntos que são atuais e presentes na vida de muitas pessoas, assim como na obra composta por seus relatos da vida de uma família e seus conflitos.

Após todas as exposições feitas, a professora disponibilizou a obra em formato de pdf no grupo dos alunos, visto que, na atualidade é normal os alunos terem telefone celular com acesso a internet disponibilizado pelo wi-fi da escola, o que facilitou, pois é uma obra que não se encontra em qualquer biblioteca de escola pública, e assim, os alunos baixaram a obra para ler e fazer em casa juntamente com a atividade, que seria entregue em uma semana, o que foi fundamental, para obter os resultados desta pesquisa e analisar os dados.

CAPÍTULO III – RESULTADO DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

3.1 A RECEPÇÃO LEITORA DA OBRA RELATO DE UM CERTO ORIENTE PELA PESQUISADORA

A obra “Relato de um Certo Oriente” da qual a pesquisadora teve a oportunidade de conhecer através da indicação da professora orientadora MSc. Dilce Pio Nascimento, que se trata de uma Literatura Amazonense, da qual era do seu interesse na área de sua pesquisa, além de ler e conhecer a obra, que até então só possuía o conhecimento de uma obra amazonense, onde lhe foi apresentada em uma escola pública do Ensino Médio, só fez

umentar a sua vontade de levar uma obra do escritor Milton Hatoum para a sala de aula, pois durante toda a sua trajetória escolar em escola pública só conheceu a obra “Dois Irmãos” do mesmo autor amazonense, o que despertou a curiosidade em ler e conhecer outra obra maravilhosa.

É uma história contada por diversos narradores, diversas histórias dentro de histórias desses personagens que se parecem muito com familiares e amigos conhecidos, se alternando ao longo de oito capítulos do livro. Como personagens, temos: a filha adotiva de Emilie, a quem Milton Hatoum não dá nome, o tio Hakim, o fotógrafo Dorner, o também não-nomeado esposo de Emilie e Hindié Conceição, amiga da matriarca. Personagens que contam o que viveram, e o que não viveram, mas que ouviram, os seus conflitos e dramas familiares.

Esses personagens habitaram ou frequentaram a casa de Emilie, numa Manaus distante do tempo. A narradora sofre de transtornos psicológicos, por isso esteve em uma clínica de repouso em São Paulo. Após quase vinte anos, retorna a Manaus: “à casa de sua infância na tentativa de reconstruir, por meio das lembranças e vãos do esquecimento um mundo perdido e uma casa desfeita” (SILVA, 2010, p. 109).

Ela chega em busca do passado, da sua identidade e de algumas respostas que podem indicar a origem de seus traumas e o porquê de ocupar uma posição na margem de sua família. A partir dos relatos dos familiares e amigos, a narradora, filha adotiva, organiza algumas histórias vividas por sua família. Por intermédio dos recursos da memória, ela tece os fios da narrativa.

E nesse início surge na memória a família, as pessoas que mudam de cidade, ficando muito tempo distante, que acabam esquecendo seus familiares, sem ao menos ter tempo para visitá-los, o que é normal buscar uma melhoria de vida e outras oportunidades, deixando o passado para trás e voltar assim deve ser assustador, podemos nos imaginar ali, voltando depois de muito tempo ou se teria coragem de voltar para relembrar as memórias do passado, sem sofrer.

Emilie tinha quatro filhos, além da narradora e de seu irmão que vive em Barcelona: Hakim e Samara Délia, e os “dois, inomináveis, filhos ferozes de Emilie, que tinham o demônio tatuado no corpo e uma língua de fogo” (HATOUM, 2008, p. 9). Samara teve uma filha na adolescência chamada Soraya Ângela, que nasceu surda-muda e morreu no natal de 1954, vítima de um acidente em frente da própria casa onde morava.

Nessa época os surdos sofriam o preconceito de serem chamados de surdos-mudos, hoje em dia seria uma ofensa para eles, coisa que não mudou muito, pois ainda existe essa

barreira e falta de conhecimento sobre esse assunto. E foi por causa da gravidez que Samara foi rejeitada por toda a família, sobretudo, os irmãos: “Devia ter quinze ou dezesseis anos quando ficou grávida: era uma menina que brincava de boneca contigo, trepava em árvores para colher frutas, e fazia estrepolias que animavam a casa. Nada disso permaneceu após o nascimento da filha” (HATOUM, 2008, p. 99). Em uma de suas conversas com Hakim, ela revela que o desprezo do pai também a deixava muito triste: “Nada me fere mais do que o silêncio dele” (HATOUM, 2008, p. 107).

Assim como Samara, a pesquisadora é mãe de uma criança de 4 anos de idade, não teve a rejeição na família por engravidar aos 21 anos, mas imagina o sofrimento, pois pensou que seria assim com a sua família, tinha medo de contar e ser humilhada ou rejeitada assim como Samara, e sofrer durante sua gestação, mas tudo foi como Deus quis e sua família nunca a rejeitou por ter engravidado. Hoje em dia, é mãe solteira e se orgulha disso, com o tempo as pessoas amadurecem e deixam de se importar com as críticas de quem julga sem saber da verdadeira história daquela pessoa.

Seu irmão Hakim deixa o Amazonas e vai morar no sul do país. Ele era o filho querido, o único que entendia árabe: “(...) quando ríamos, era a vida mesma que parecia interromper seu curso, porque era um riso convulsivo, engrolado, quase nefasto” (HATOUM, 1989, p. 92).

O filho preferido, como acontece em diversas famílias, ainda mais se tratando de filho homem. Com quatro irmãos e apesar de conviver bem com eles, a pesquisadora nunca se sentiu excluída por sentir que sua mãe tinha um filho preferido, só seu irmão mais novo, porém via como algo normal, por ser o filho caçula.

Emir, irmão de Emilie, suicidou-se em um rio, ele foi fotografado na praça da cidade pelo alemão: “Dorner fotografou Emir no centro do coreto da praça da Polícia. Foi a última foto de Emir, um pouco antes de sua caminhada solitária que terminaria no cais do porto e no fundo do rio” (HATOUM, 1989, p. 54).

O suicídio, tão comum nos dias hoje, o que não era pra ser. Nessa passagem, lembrou de dois amigos que perdeu ao longo dos anos, por suicídio, foi um choque e um sofrimento muito grande com essas perdas, eles sofriam de depressão e não puderam fazer nada para evitar, sempre pareciam estar bem e felizes, mas nunca sabemos o que se passa na cabeça das pessoas, elas parecem alegres, sorriem, mas só elas sabem o que se passa em seu coração e sua alma.

Emilie era marcada por diferenças culturais, não conhecia o interior do Amazonas, seu mundo era Manaus, ao contrário do marido que já tinha navegado nos rios da Amazônia. “Emilie, ao contrário de meu pai, de Dorner e dos nossos vizinhos, não tinha vivido no interior do Amazonas. Ela, como eu, jamais atravessara o rio. Manaus era o seu mundo visível” (HATOUM, 1989, p. 80-81). Ela e o marido eram muito religiosos, mas não da mesma religião, ele era mulçumano, porém, fizeram um pacto de respeitar a religião um do outro.

Com o tempo, a convivência foi tornando-se complicada porque Emilie não gostava do jejum que o marido fazia, escondia o Alcorão e isso o irritava muito. Há uma passagem no livro: “Só então soubemos que ela havia escondido o Livro e, que meu pai tinha vedado a casa para que o espaço entrevado impedisse todo ser humano de enxergar algo antes do reaparecimento do Livro” (HATOUM, 1989, p. 43).

Esses conflitos entre família e todas as histórias interessantes dos personagens, faz com que se tenha o interesse em levar essa obra a outras pessoas, outros jovens a lerem e conhecê-la, ter a sua própria recepção leitora. A pesquisadora se viu em diversos relatos da obra, e quem nunca se viu em alguma das passagens do livro? A infância, as intrigas, os conflitos, a casa e tudo ao seu redor, o tempo que parece ser numa época tão distante e ao mesmo tempo tão próxima da realidade.

A obra acentua os processos e transformações culturais, e é muito interessante e nos faz imaginar tudo o que é descrito nas cartas que a filha de Emilie escreve para o irmão, trazendo de volta aquelas lembranças da infância.

Emilie lembra bastante a avó da pesquisadora, como em certa passagem do livro que relata que ela guardava seu baú com seus segredos. Sua avó também tinha esse costume, em uma mala havia vários livros e pertences de sua mãe e lá ninguém podia mexer, até que um dia ela mesma abriu para mostrar e se desfazer das coisas que ali guardava com carinho.

O cotidiano com seus familiares, a casa antiga do mesmo jeito, os costumes que cada família tem, as tardes, os almoços e até mesmo os conflitos. A recepção leitora da pesquisadora são as recordações familiares, que assim como a da Emilie não é perfeita, mas que é marcada por histórias e lembranças de tudo que viveram juntos e ficarão para sempre guardadas em sua memória.

É importante conhecê-la, para que os alunos tenham esse contato com uma obra até então desconhecida por eles, e assim, através da leitura poderão relatar as experiências que

vão ter ao lê-la e observar através da recepção leitora a visão de mundo dessa obra magnífica da literatura amazonense.

3.2 A RECEPÇÃO LEITORA DA OBRA RELATO DE UM CERTO ORIENTE DE OUTROS PESQUISADORES.

A obra *Relato de um certo Oriente* sob o olhar de outros pesquisadores, autores que falam em seus artigos, dissertações ou teses, mostram que a obra realiza um diálogo nos oito capítulos dos quais Hatoum resgata o sentido de oralidade, comum não somente à cultura do imigrante árabe, que é retratado na obra, mas também aos costumes dos habitantes da região e dos povos da floresta.

Mostra aspectos da vida humana que, embora vivenciados por uma família de imigrantes árabes na Amazônia, expõem sentimentos e ações pessoais comuns às pessoas na luta pela sobrevivência em qualquer lugar do planeta. Mescla aspectos multiculturais dos povos que estão envolvidos, narrados por diversos personagens, mediante a observação e organização final de uma única narradora, filha adotiva de Emilie.

Cristo (2007) observa o cuidadoso trabalho com a escrita e o manuseio das palavras, para compor uma rede complexa de memória, tempo e espaço, construindo personagens, narradores e dramas de vida em que a memória acionada por imagens, odores, objetos e lugares que trazem à lembrança de episódios e situações da vida familiar.

Essas lembranças fazem com que o leitor consiga visualizar as descrições da narradora, com detalhes do espaço em que se passam os relatos. Conforme Pimentel (2014):

Tal relação entre imagem e escrita é verificada no romance *Relato de um certo Oriente*, sendo possível afirmar que a obra em questão preserva a Visibilidade. Para comprovar essa afirmativa, resalto, em primeiro lugar, o processo imaginativo que vai da imagem à palavra. Em entrevista à revista *Problemas Brasileiros*, Hatoum, arquiteto de profissão, afirma ter realizado desenhos antes de iniciar a escrita do *Relato*: “O arquiteto pensa através da representação e da construção do espaço. Algumas coisas dos meus romances desenhei antes de escrever. A casa de *Relato de um certo Oriente*, por exemplo” (HATOUM, 2007a, s/p).

Para a pesquisadora, a obra *Relato* oferece um exemplo de emprego da montagem na literatura, com narradores, cada um com um ponto de vista particular. Os discursos desses narradores seguem uma lógica de composição que tem descontinuidade. Ao final do romance, há uma passagem em que o leitor descobre que o papel de montadora coube à mulher anônima, quem, depois de reunir os tantos depoimentos, tem a difícil tarefa de organizá-los.

Além de ser utilizado na estrutura narrativa do Relato, o princípio da montagem fundamenta a elaboração de objetos visuais, como a colagem realizada pela mulher anônima, o arquivo construído por Dorner, os santos restaurados por Emilie e Hindié e os santos de papel confeccionados pelas duas amigas.

Para Schwantes (2007, p. 86):

A obra situa-se na confluência de dois orientes geográficos: o Líbano, oriente gerador de nostalgias e a Amazônia, selva inescrutável e ameaçadora para os homens citadinos. Mas transita também por outros orientes: as relações com o feminino e o materno, alocados no lado do inconsciente, inacessível e misterioso.

Esse duplo Oriente no romance remete ao corpo feminino, às relações com a mãe com a Amazônia e com essa memória de um Oriente inacessível aos personagens, não obstante sua saudade e seu desejo de a ele retornarem. A condição feminina presente na obra, com a narradora em busca de memórias, que retorna após muito tempo distante para rever sua mãe adotiva, mostra como esses dois Orientes estão entrelaçados na narrativa.

Albuquerque (2010, p. 45) retrata:

No que diz respeito à fortuna crítica alguns estudiosos, como Stefania Chiareli, Sarah Wells e Marli Fantini, “concentram-se na literatura comparada e nas influências [...] da tradição literária e da literatura contemporânea”, relacionando a obra à tradição oriental de *As mil e uma noites*, aos romances de Raduan Nassar e Guimarães Rosa. Outros, como Tânia Pellegrini e Leonardo Tônus, recuperam os conceitos de regionalismo e exotismo trazendo debate sobre centro e periferia que envolve aspectos locais e universais. Há os que se concentram nos estudos culturais e apontam questões de identidade e alteridade no contexto da cidade onde convivem múltiplas culturas e vozes silenciadas: libaneses, caboclos e indígenas. Existem os que destacam elementos da tradição oral, local e oriental, e a polifonia orquestrada na construção da narrativa, a exemplo de Francisco Foot Hardman, Leyla Perrone – Moisés e Luís Costa Lima. Há também quem se dedique à abordagem da crítica genética, a exemplo de Maria da Luz Pinheiro de Cristo, mostrando as alterações ocorridas na construção dos narradores ao longo das várias versões manuscritas da obra.

Pimentel (2014) também diz que O romance *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, inicia-se com um abrir de olhos: “Quando abri os olhos, vi o vulto de uma mulher e o de uma criança” (HATOUM, 2008, p. 7).

O leitor, ao se deparar com essa que é a primeira frase do romance, é convidado a distinguir os corpos mencionados pela voz narrativa. Aos poucos, à medida que a voz narrativa deixa de ser também um mero vulto e apresenta mais alguns detalhes do ambiente em que se encontra. O leitor sabe que essa voz pertence a uma mulher anônima que adormeceu ao relento e que, tendo despertado, logo se atentou ao aspecto visual das pessoas e do espaço onde estava.

É interessante notar que a mulher anônima, ao afirmar ter se dedicado ao registro imediato de suas impressões, isto é, das imagens de tal noite, sugere uma estreita articulação entre o escrever e o ver, observar, visualizar. De fato, a narrativa

composta pela mulher anônima é bastante imagética, posto que, como exemplificado no trecho acima, enfatiza elementos como luminosidade, volume e aspecto, além de ser repleta de verbos ligados ao sentido da visão. Ademais, essa mulher se atenta a objetos visuais, como um desenho esquecido em uma parede, e dedica-se a descrevê-los, o que só intensifica a visualidade do discurso por ela elaborado (PIMENTEL, p. 9, 2014).

A pesquisadora revela que com o avançar da leitura da obra, o leitor verifica que o romance apresenta quatro outros narradores, que são: Hakim; Dorner; o marido de Emilie e Hindié Conceição. E que o nome da narradora principal permanecerá desconhecido ao longo de todo o romance.

Emilie é a matriarca libanesa em torno da qual se constrói o enredo de *Relato de um certo Oriente*, pois nos discursos dos demais narradores também há termos relacionados ao ato de ver, bem como referências frequentes a objetos visuais como desenhos, tapetes, fotografias e esculturas, os quais, após serem observados, quase sempre são descritos com bastantes detalhes.

Os fatos da memória representam uma identidade não apenas individual, mas também coletiva. As descrições dos espaços ocorrem a partir dos personagens que vão surgindo, com suas subjetividades, e explorando os ambientes que lhes evocam memórias e sentimentos, formando a atmosfera enigmática, secreta e obscura da obra. No primeiro capítulo, antes de saber qualquer coisa sobre o lugar onde começa o romance, o leitor é informado de que a narradora teve uma noite mal dormida, sem perceber do lugar escolhido para dormir e que sentia na pele a roupa úmida do sereno. Dentro da casa, as memórias da infância da personagem narradora são acionadas pelos odores, consistências, formas, cores e sabores, que colocam em ação o caráter exploratório da criança, aliando-o ao da pessoa adulta que possa descrever o ambiente, permitindo ao leitor ter conhecimento de uma sala entulhada de objetos orientais, reproduzidos por uma parede de espelho que confere aparência caótica aos volumes empoeirados, à fachada dos janelões de vidro vedada por cortinas de veludo vermelho, e a um pequeno pedaço de papel, pregado na parede, com rabiscos que sugerem o encontro das águas dos rios Negro e Solimões, e seus afluentes, onde uma figura franzina, de poucos traços, remava numa canoa sem rumo (ALBUQUERQUE, 2010, p. 47).

Milton Hatoum afirma que em seus romances os personagens agregam elementos que estão em suas origens e da vivência em Manaus/AM. Mesmo sabendo que a obra não dialoga apenas com a sua biografia, ela mantém estreita relação com a História e a Geografia da cidade de Manaus/AM e da região amazônica e também com aspectos sociológicos e antropológicos relacionados à vida humana naquele espaço.

Telles e Graça (2021, p. 577), dizem que:

Relato de um certo Oriente é um painel evocativo de seu universo infantil e familiar – as muitas infâncias e as dores, que confluem no romance, adormecidas no leito silencioso do tempo e recuperadas pelo diálogo da narradora (a voz que prefigura vários narradores) com o passado, com as personagens que protagonizam as histórias que se intercambiam no romance.

É uma descrição de situações do passado de Emilie, fatos do cotidiano de uma família com conflitos, onde sua filha traz de volta em suas lembranças da infância, suas subjetividades e sentimentos, revelados por si mesma na versão dos próprios personagens que vivenciaram aos acontecimentos naquela época. Assim, são destacados os aspectos subjetivos da vivência humana, e suas vidas presenciadas no espaço manauara imaginado.

As descrições dos objetos exteriores não ocorrem de modo a permitir a contemplação dos fatos ou paisagens como se fossem quadros de uma realidade, mas refletem a repercussão dessa realidade objetiva no sentimento dos personagens que a relatam. É no mundo da ficção que as personagens encontram a inspiração para expressar seus estados de alma traumáticos, melancólicos, tristes, enfim, o sentimento de perda irreversível, desorientação, falta de sentido e perspectiva para o futuro. O caráter estético da poesia vai sendo revelado através dos signos construídos artificial e conscientemente para proporcionar a captação máxima da força das imagens e afastar-se do automatismo. Os objetos imagísticos são percebidos não como uma parte, mas como prolongamento da casa, da cidade, portanto, do espaço da obra (ALBUQUERQUE, 2010, p. 48).

A narradora demonstra nos relatos todo o seu sentimento em relação ao que presencia ao voltar para sua antiga casa, onde viveu coisas boas e ruins. Durante suas descrições do ambiente, é possível imaginar o lugar, o cheiro, o espaço em que está inserida a história da sua família e toda essa elaboração estética envolvendo descrições, narrativa e dramaticidade em que a narradora usa o ambiente de sua casa, para falar de coisas que dizem respeito propriamente ao seu núcleo familiar, sem demonstrar preocupação de descrever as coisas em seus mínimos detalhes, mas de recriar o estado de alma, tudo isso confere a beleza da obra conforme os pesquisadores aqui citados, mostram.

3.3 A RECEPÇÃO LEITORA DA OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE” DO ESCRITOR AMAZONENSE MILTON HATOUM

Este capítulo aborda o resultado da pesquisa e análise de dados através das recepções leitoras do autor da obra e dos alunos de duas escolas públicas de Parintins/AM, objeto principal dessa pesquisa.

Milton Hatoum é um escritor amazonense que publicou a sua primeira obra em 1989 chamada “Relato de um certo Oriente”, onde há uma articulação com elementos da tradição literária consagrada, respalda o desenvolvimento do assunto, relacionado ao sofrimento psíquico e à busca de solução para o trauma da personagem-narradora, influenciando o conteúdo da obra e a ideia predominante, concretizada na restauração memorialística de um espaço e tempo passados.

A partir dos relatos dos familiares e amigos, a narradora, filha adotiva de Emilie, organiza algumas histórias vividas por sua família e o passado. Por intermédio dos recursos

da memória, ela tece os fios da narrativa, relatando em oito capítulos as histórias contadas pelos personagens da história. Esse aspecto memorialístico de Hatoum é justificado pelo próprio autor da obra:

Não há literatura sem memória. A pátria de todo escritor é a infância. Eu acho que o momento da infância e da juventude é privilegiado para quem quer escrever. É onde a memória sedimenta coisas importantes: as grandes felicidades, os traumas, as alegrias e também as decepções. Certamente não estou falando da lembrança pontual e nítida. O que me interessa é a memória desfocada, a memória não lembrada. Isso é bom para a literatura porque aí é que se instala o espaço da invenção. Alguma coisa que você lembra, mas sem nitidez porque é isso que traz o espaço fluido, nebuloso e incerto daquilo que se vai narrar. Quer dizer, eu não sei exatamente o que aconteceu, mas sei que alguma coisa aconteceu no passado e é sobre isso que quero escrever. É como se uma frase dessa lembrança meio esfumada pudesse produzir mais 300 frases. Uma coisa puxa a outra. Então, você não faz esforço para se lembrar. Como dizia Clarice Lispector: “É você se lembrar de coisas que nunca aconteceram”. Esse é o movimento que te leva à escrita: lembrar de coisas que poderiam ter acontecido (HATOUM *apud* GURGEL, 2008).

As obras de Hatoum revelam elementos não apenas da tradição literária brasileira, mas também da hispano-americana, francesa e inglesa. O escritor confirma que o recurso à memória tem a ver com sua vida e leituras, com experiências do passado. Ele ainda afirma que começou a escrever “Relato de um certo Oriente” em Paris e concluiu em Manaus, em 1986, mas publicou apenas em abril de 1989.

Para ele, a interrupção brusca do convívio em Manaus foi decisiva, pois a memória permite um retorno imaginário ao passado. A narrativa fragmentada utilizada pelo autor, além de trazer textos autônomos dentro de um texto maior, desloca-se por diferentes tempos, e por vozes distintas. Ele resgata o encanto pelo ato de contar e recontar histórias, como na tradição oral, transmissora de costumes que são repassados de geração a geração.

Este romance apresenta uma construção fragmentada, no tempo e no espaço, inserindo histórias dentro de histórias, uma estrutura particular, entrecortada, mas que se interliga, experimentando idas e vindas no tempo e mudança de narradores. O ambiente familiar desagregado e a cidade decadente é pano de fundo para uma história originada pela memória, e que, por isso, abriga, também, dúvidas e incertezas, o que, por sua vez, abre caminho para a imaginação dos narradores e do leitor.

3.4 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A RECEPÇÃO LEITORA DOS ALUNOS

A partir das aulas ministradas, foram escolhidos cinco relatos de experiências dos alunos da escola pública, para então realizar as análises da recepção leitora após a leitura da obra “Relato de um certo Oriente”, que serão transcritos literalmente, porém, corrigidos pela

pesquisadora, seguindo a norma padrão da Língua Portuguesa, como foram escritos pelos alunos, possuíam alguns erros ortográficos e estão em anexo no final da presente pesquisa.

Para preservar a identidade dos alunos que participaram da pesquisa, optamos por utilizar uma numeração crescente, assim, os alunos são referidos como Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3 e assim por diante.

Os relatos a seguir foram feitos pelos alunos da primeira escola onde a pesquisa foi realizada. Nesse primeiro relato, apresentaremos a experiência de leitura do Aluno 1, estudante do 2º ano do Ensino Médio da rede pública estadual de ensino, da cidade de Parintins – AM, que pode ser observado na transcrição abaixo:

Aluno 1: “O livro narra a história e os conflitos dos membros de uma família de imigrantes libaneses, centrada na figura da matriarca Emilie, sua morte motiva a filha adotiva a voltar à Manaus, depois de anos distante para registrar depoimentos de pessoas cujo parentesco ou intimidade funcionam com índices de inserção social, isso é o que eu entendi, agora o meu relato de experiência: Eu sinto [que existe] uma grande dificuldade na vida dela, porque ela chega na sua cidade de infância lembrando vários percursos, e logo após sua mãe falecer, mais uma aflição com a família, ou seja, os filhos de Emilie viajaram para outra região fora do Brasil em busca de uma nova vida, revivendo ou em busca de recursos melhores, isso se passa parecido com uma experiência do meu irmão que se afastou de nós, imigrando para outro local, para buscar um modo de sobrevivência melhor, com recursos fáceis, mas ele ainda estava amadurecendo, conheceu uma mulher, e tinha alugado uma kitnet. Mais a cidade era grande, era comum o uso de Uber e havia um pouco de dificuldade até de chegar no trabalho, longe da família, a produção de pão era bem alta e seu patrão era rígido e ignorante, ele não tinha tempo quase para nada, ele adoeceu, não pôde trabalhar e não tinha dinheiro para voltar para casa, e sua mãe ligou para ele e disse que pagaria toda a sua passagem.”

Pode-se notar relações da obra com as vivências pessoais do Aluno 1, relaciona-se a passagem do livro em que a filha de Emilie decide voltar para sua cidade de infância, depois de muito tempo distante, com a ida de seu irmão para outra cidade em busca de melhorias e qualidade de vida, coisas do cotidiano, recordações desse conflito que fez com que sua recepção da obra lembre desse acontecimento em sua família. É possível dizer que essas relações entre a obra e vivências pessoais identificadas nos relatos acima constituem o processo inerente a qualquer atividade de leitura literária. Ao ler, o leitor projeta no texto suas

próprias experiências de vida e a mobilização do seu conhecimento de mundo, ou seja, ele recorre ao seu imaginário para produzir sentidos e fruição estética.

No próximo relato, verificam-se outras formas de atribuição de sentidos à leitura:

Aluno 2: “O livro *Relato de um certo Oriente* relata fatos que me deixaram meio perdida como o quadrado colorido. A história também mexe bastante com a memória, como boneca de pano, ele também nos remete as lembranças, coisas que vivemos e que nunca esquecemos, mesmo com o passar dos anos, me senti como aquela criança que gostava de brincar de boneca. São fatos que muitas vezes acontecem no dia a dia. Vi muita verdade no livro.”

É possível observar reações envolvendo sentimentos e sensações tais como estar primeiramente perdida ao iniciar a leitura da obra e relembrar a infância, como o Aluno 2 relata, ao lembrar de brincar com sua boneca, a nostalgia que foi pouco relatada. Essa recepção é de uma experiência vivida por ela durante sua infância, as memórias aconteceram ao ler a obra, o que é interessante de notar nesse relato, e que o aluno poderia ter falado mais desta lembrança.

No relato a seguir, podemos analisar logo de início que o aluno leu um resumo da narrativa, o que não era a proposta da presente pesquisa com o relato de experiência, e sim ler o livro todo na íntegra, o que percebe-se é que os alunos já estavam acostumados com essa prática de leitura, e esse é o reflexo dessa prática nas quais os alunos eram solicitados por outros professores a lerem resumos da internet sobre determinadas obras que tinham difícil acesso na biblioteca, o que ficou na trajetória escolar deles.

Aluno 3: “Bom, eu não tive o prazer de ler todo o livro, mas pelo o que li deu pra notar o tão brilhante que esse livro é.”

Depois de ter lido um resumo sobre esse livro, assim como todos, pude me identificar nas partes em que a narradora narra sobre os conflitos familiares, por que acredito que todos nós temos conflitos familiares. Em meu caso, no meio dos conflitos familiares que o livro propõe, pude meio que viver de novo o meu passado, depois que a filha adotiva de Emilie volta para Manaus, depois de descobrir a morte de sua mãe adotiva.

Bem, eu nunca tive a perda de algum parente que me ocasionasse voltar a minha cidade natal depois de tantos anos, eu não sou de falar muito, mas eu também sou de Manaus, depois de alguns acontecimentos familiares que me ocasionaram a vir parar aqui em Parintins e depois de alguns anos pelos mesmos acontecimentos familiares me ocasionaram a voltar a

Manaus e reencontrar minha família, mas em uma audiência que até hoje não deu nem um resultado, só mais conflitos entre a minha família.”

Observa-se que o Aluno 3, apesar de ter lido apenas um resumo, pôde relacionar a sua leitura com questões familiares em sua vivência, de sua cidade, o motivo pelo qual se mudou, sua recepção foi bem especificada, lembrando desses conflitos que o envolvem e o deixam de certa forma confuso, pois afeta a sua vida, assim como na obra que mostra diversos relatos de acontecimentos envolvendo a família de Emilie.

No próximo relato, as manifestações de entendimento do texto em termos de compreensão estão presentes. Esse aluno achou a história muito boa, pois o fez imaginar a família que estava sendo descrita na obra com famílias e seu cotidiano da vida real:

Aluno 4: “Realmente é uma história muito boa, pois nos leva a imaginar sobre todas as famílias que tiveram que sair de suas casas em busca de uma vida melhor, mais sustentável devido o rendimento financeiro baixo e pelo modo que viviam precariamente. Logo identifiquei-me, pois meus familiares tiveram que se deslocar do interior do Amazonas para a cidade de Parintins, passaram por diversas crises econômicas, sendo assim, um histórico de miséria, fome, pois não tinham dinheiro para comprar comida, renda financeira baixíssima e de muito esforço e sofrimento, até chegarem ao estabelecimento local e financeiro, assim contou-me a minha avó Vanilda, relatando sobre as diversas dificuldades que passaram naquele momento e que é a realidade de muitas famílias de hoje em dia em situação de pobreza, miséria e fome no Brasil.”

Ao analisar este relato interessante do aluno 4 que compara com um relato feito pela sua avó, que foi lembrado por esse aluno e que foi descrito depois da leitura da obra, ou seja, a memória dentro da memória, sobre problemas de questões sociais como a miséria e pobreza, imaginando a vida dos personagens da obra e trazendo para a vida real os acontecimentos de muitas pessoas que passam por situações como essa, a dificuldade financeira ao chegar em um lugar novo na esperança de algo melhor.

Não muito diferente do último relato de experiência feito nessa primeira escola, que também fala sobre essa saída de um lugar para o outro, a mudança de cidade ou país por conta de dificuldades:

Aluno 5: “A obra fala sobre a vida do autor que saiu de sua terra para morar com sua família no Brasil, por causa de dificuldade tiveram que se mudar para uma casa um pouco estranha, a obra fala também da vida que o autor leva com a sua família.

Eu relembrei de um acontecimento da minha vida onde eu tive que mudar para uma nova casa onde era tudo estranho e novo para mim e para minha família, tantas coisas novas que até a minha casa era nova e tudo, mas até o piso era estranho de pisar, nem vizinhos eu tinha, por isso no primeiro e segundo parágrafo de livro eu me vi como na história.”

O relato de experiência desse aluno também se compara com situações que acontecem na sua família, mudanças, memórias de acontecimentos que marcaram, o novo que o assustou, viver uma vida da qual não estava acostumado. Pode-se concluir que essa proposta de escrita sobre aquilo que foi lido, o que configurou como um grande desafio para os alunos, que nunca tinham feito um relato de experiência após ler uma obra. A ruptura do horizonte de expectativas, percebe-se que, certamente, a leitura da obra proporcionou uma experiência literária diferente daquelas a que esses estudantes estavam habituados até então. Por eles ainda não conhecerem uma obra da Literatura Amazonense, tiveram dificuldades em ler e relatar suas experiências leitoras.

Na segunda escola onde também foi realizada a pesquisa, antes de realizar a atividade em questão, preparamos os alunos para que conhecessem um pouco da obra e a biografia do autor, como também, do que se trata um relato de experiência. Assim sendo, levamos para sala de aula resumos dos capítulos da obra, relacionando com assuntos do contexto atual, como o suicídio, o preconceito, a gravidez na adolescência e a velhice.

Analisaremos cinco relatos de experiência em forma de entrevista produzidos pelos alunos sobre a obra “Relato de um Certo Oriente”. Observaremos se o aluno obedeceu à atividade proposta e a leitura da obra, assim como, as três perguntas: O que você achou de impactante na obra que tem relação com a sua vida ou com a vida de outras pessoas do seu convívio?; Relate sobre um episódio do livro “Relato de um Certo Oriente”, que retrata algum acontecimento na sua vida ou na vida de outras pessoas; e Suponha que você seja o (a) autor (a) da obra, qual final você daria para o romance ou para a história de vida de algum personagem que mais lhe impactou? Essas perguntas subsidiaram a entrevista.

Aluno 1. Resposta da pergunta 1:

“O que eu achei de impactante foi que depois da morte da matriarca da família, eles fazem de tudo para mantê-la em sua memória, assim lembrando diversos acontecimentos em que a mesma se faz presente. Sinto como se fosse eu, dia após dia mantendo alguém importante que já não se encontra mais com a família, lembrando cada momento especial em que vivemos ao seu lado e em como essa pessoa era tão importante para toda a família, porém, infelizmente ela não pôde aproveitar bem sua vida, não envelheceu do lado das

peessoas que amava, mas aproveitou os únicos anos que lhe foi permitido. Relembrar de tudo é algo doloroso, mas é importante, pois continuará sendo para sempre uma parte da gente. Com o tempo tudo melhora, reviver os momentos já não dói como antes, mas nos faz amar cada vez mais o tempo que tivemos juntos.”

Resposta da pergunta 2:

“Afogamento de Emir, que me faz lembrar um acontecimento em que uma menina morreu afogada no interior do meu avô, quando éramos crianças gostávamos de pular na água e infelizmente a menina sumiu e ninguém achava ela, até que seu avô resolveu mergulhar onde estávamos brincando e a achou.”

Resposta da pergunta 3:

“Daria um final melhor para Soraya Ângela, em que ela tivesse aproveitado mais a sua infância e a vida que estava por vir, em que ela não estivesse apenas no confinamento de um quarto e que ela conhecesse seu pai (mesmo sua própria mãe não sabendo [omitindo, escondendo]). De alguma forma toda criança merece ter uma figura paterna.”

Observando o relato acima transcrito, que o aluno leu realmente a obra, ao responder a primeira pergunta, relata com suas próprias palavras o que lhe achou mais impactante, lembrando a perda de alguém importante da família, descrevendo essas vivências assim como na obra, contextualizando a obra com a sua vida. Na resposta da segunda pergunta, o aluno relatou o episódio da morte do personagem Emir, relacionando com a menina que morreu da mesma forma no interior de seu avô, é uma lembrança da infância do aluno, mostrando que acontecimentos como esse ficam marcados na memória. Ao responder a terceira pergunta, o aluno mudaria o final da personagem Soraya Ângela, que também lhe impactou o fato de não ter aproveitado sua infância e não ter conhecido o pai, relatando que toda criança merece a figura paterna.

Assim, vemos a recepção leitora do aluno 1, que conseguiu relacionar a obra com acontecimentos de sua vida pessoal, objetivo dessa atividade. Através das perguntas respondidas, podemos observar como os alunos recebem a obra, contextualizando assuntos que ainda estão presentes no dia a dia, podendo trazer para seus relatos de experiência suas vivências e lembranças.

Aluno 2. Resposta da pergunta 1:

“Eu achei bastante impactante a parte que conta o suicídio por afogamento de Emir, porque há muito tempo atrás, o meu bisavô morreu afogado enquanto pescava, não se sabe ao certo como ele morreu, só me contaram que a canoa que ele estava afundou e que metade de

seu corpo já havia sido devorado pelos peixes, meu bisavô não era uma pessoa muito boa, mas sinto que ele não deveria ter morrido dessa forma horrível.”

Resposta da pergunta 2:

“Acho que um episódio que acontece no livro e na vida de muita gente, inclusive na minha, é a briga por religião, que acontece com a Emilie e seu marido. Na minha família, minha bisavó é muito religiosa e acaba não deixando outras pessoas da família terem outro tipo de religião, como por exemplo: meu tio Cabral. Minha bisavó fala que por conta da igreja dele ser evangélica, eles só querem o dinheiro dele e da família dele, ela fala a mesma coisa sobre as pessoas da religião da umbanda, fala que é tudo mentira e que são um bando de vigaristas e assim, causando uma grande briga familiar.”

Resposta da pergunta 3:

“Eu acho que o livro tem um final satisfatório com a filha contando tudo que viveu na carta para seu irmão, no entanto, eu mudaria o final de Soraya Ângela, com certeza eu mudaria o seu final trágico, eu daria a Soraya um final feliz, onde ela não morresse atropelada pelo carro, mudaria o fato dela ter sofrido na infância, por conta de sua deficiência [surda], acho que o final perfeito para Soraya Ângela seria ela crescendo e se tornando uma mulher forte e independente talvez isso tirasse um pouco do ar de tristeza e luto do livro.”

O aluno mostra que achou impactante o suicídio de Emir por afogamento, relembando a morte também por afogamento de seu bisavô, um acontecimento em sua vida. Ao responder a segunda pergunta relatou um episódio da obra que está presente no seu cotidiano, a questão dos conflitos familiares sobre a religião, dando exemplo de sua bisavó que é religiosa e entra em conflitos com outros parentes que são de outras religiões. Esses conflitos estão presentes na obra e o aluno relacionou com o que acontece na sua família. Na terceira pergunta, foi respondido que o final é satisfatório, relatando a volta da filha para contar as lembranças ao seu irmão, mas o aluno mudaria o final da personagem Soraya Ângela para um final feliz, sem a sua morte precoce, e sem o seu sofrimento na infância por conta de sua deficiência. Ainda relata que Soraya cresceria tornando-se uma mulher forte e independente, para que tirasse o ar de tristeza e luto da obra.

Através deste relato de experiência, observamos que o aluno recebeu a obra de forma negativa, sentindo o luto da obra e relembando o seu próprio luto, após a morte de seu bisavô.

Aluno 3. Resposta da pergunta 1:

“Ela brincava com a boneca de pano confeccionada por Emilie. Lembro-me perfeitamente do rosto da boneca; tinha olhos negros e salientes, umas bochechas de anjos, e se prestasses atenção aos detalhes, verias que apenas as orelhas e a boca estavam sem relevo pespontadas por uma linha vermelha.” Lembro que na minha infância ganhei uma boneca de pano, ela era parecida com o relato acima ela tinha os olhos pretos, era branquinha, tinha as bochechas e a boca vermelhas e o cabelo era de linha de algodão amarela, eu brincava com ela todos os dias, era minha alegria de todos os momentos.”

Resposta da pergunta 2:

“A praia terminava numa aglomeração de barracos entulhados de quinquilharias: um labirinto de madeiras que se alastrava nas calçadas nas ruas, na praça.” Quando a minha amiga foi para Manaus depois de alguns dias lá, ela fez um vídeo chamada com a gente, nesse vídeo- chamada, ela estava na praia com seus outros amigos, ela mostrou que estava na Ponta Negra, e lá tinha várias pessoas para todo lado e que mal conseguia se movimentar, deu para ver muitas barracas de comida e entre outras coisas.”

Resposta da pergunta 3:

“Mudaria a história de vida de Samara Délia e de sua filha Soraya Ângela. A Soraya Ângela nasceu surda e por conta disso a família dela sempre as humilhavam. Eu mudaria isso, na minha história Soraya nascia com voz e audição, não morria em nem um momento.”

Ao trazer uma passagem do livro, o aluno relembra a sua infância através da lembrança de sua boneca de pano, contando ser parecida com a que é relatada no trecho da obra, da qual Emilie confeccionou para sua neta, dando detalhes de como a boneca era, e que não foi esquecida, pois era um presente que ficou marcado em sua memória. Escolheu um episódio que retratava algum acontecimento em sua vida, como a descrição da praia que está presente no livro, lembrando de sua amiga que mudou para Manaus, mostrando-lhe a praia da Ponta Negra através de vídeo chamada pelo celular, com a modernidade as pessoas podem estar nos lugares mesmo que estejam distantes. E, ao responder a terceira pergunta, a aluna mudaria também a história de vida de Samara Délia e de sua filha Soraya Ângela, onde podemos observar que essas duas personagens impactaram os alunos, por terem um final infeliz e triste, o que chamou a atenção para mudarem o final da história contada.

Aluno 4. Resposta da pergunta 1:

“Sobre Samara, que engravidou com 15 anos e que foi rejeitada e maltratada por sua mãe e pelos seus dois irmãos demônios. Esse fato aconteceu na vida da minha amiga que engravidou com 15 anos, e sua mãe não aceitou a gravidez, e isso causou muitas coisas como

a rejeição, maus tratos... Então até completar os 9 meses dela, sofreu muito, por conta que muitos não queriam, e que algumas pessoas julgavam por conta de ser nova e não ter terminado os estudos. Foi muito tóxica a gravidez da minha amiga, que se levou a um ponto de muita dor e por fim, de uma grande felicidade.”

Resposta da pergunta 2:

“A parte em que Hakim e Emilie eram muito próximos, muito parceiros. Esse episódio relata sobre minha vida e a minha mãe, porque somos assim como duas melhores amigas, como se fôssemos duas irmãs. Eu vivo com a minha mãe uma relação muito saudável, tranquila, como se eu não achasse nem um motivo para mentir para ela, e sim, falar a verdade, tudo o que se passa comigo, como um livro aberto. E realmente, me identifiquei com esse episódio que fala sobre mãe e filho.”

Resposta da pergunta 3:

“Daria um final feliz a Samara Délia, que perdeu sua filha Soraya Ângela. Certamente Soraya Ângela deveria ter sobrevivido ao final de sua história, por conta que Samara Délia tinha passado por tanta coisa na vida e não merecia perder sua filha, e sim, ter levado ela embora para outra cidade em busca de tratamento e uma nova vida. Deveria ter conseguido o respeito que os seus dois irmãos não tinham sobre a especialidade de Soraya. Simplesmente ter dado a volta por cima e provar que sua mãe Emilie e seus dois irmãos estavam errados e fazer eles pedirem desculpas a sua filha, e a Samara, aceitando Soraya do jeito que ela era.”

No relato acima, podemos observar que o aluno achou de impactante a questão de Samara Délia engravidar com 15 anos de idade, situação bastante presente nos dias atuais, e que se passou na vida de uma pessoa conhecida do aluno, sua amiga. Na resposta da segunda pergunta, relatou a convivência entre mãe e filho, presente na obra, onde Emilie tinha uma relação de afeto com seu filho mais velho Hakim, que era considerado o filho preferido. A partir disso, contou que tem uma relação boa com sua mãe, mostrando que recebeu a obra de forma positiva ao lembrar disso. Na terceira pergunta, também mostrou qual seria o final para as personagens Samara Délia e Soraya Ângela, indignada com o que as duas passaram na história contada pela narradora, assim, percebemos que questões como essa, onde mãe e filha sofrem, os alunos buscam formas de relatar a sua indignação e mudar o que lhes causaram esse impacto, como esse aluno fez.

Aluno 5. Resposta da pergunta 1:

“A parte que a personagem volta para sua cidade de origem, depois da morte de sua mãe. Há 4 anos atrás infelizmente perdi meu pai (por causa de um tumor cerebral), e meu primo (depressão). Depois desses acontecimentos vários parentes deixaram sua cidade onde moravam, voltando para que nossa família ficasse mais próxima e dar forças nesse momento tão sensível.”

Resposta da pergunta 2:

“No 1º capítulo relata que a personagem volta para a sua cidade depois de 20 anos e lá ela relembra algumas coisas do seu passado. Isso retrata quando eu e minha mãe vamos visitar a cidade onde nasci e cresci, quando eu chego lá eu lembro dos costumes, das lembranças boas e de como a minha infância foi agradável.”

Resposta da pergunta 3:

“Eu mudaria a morte de Emilie, pois sua filha voltou para Manaus, para conseguir lembranças do seu passado e procurar sua mãe, até que ela acaba descobrindo a sua morte. Então, eu mudaria esse fato para que o personagem no qual o autor não cita o nome, pudesse chegar em Manaus e finalmente ter contato com sua mãe, e assim lembrar seu passado.”

O aluno 5 mostra em seu relato de experiência, ao responder a primeira pergunta que o que lhe impactou foi quando a filha adotiva decide voltar depois de muito distante, lembrando um fato triste que ocorreu em sua vida, a morte de seu pai e de seu primo, contando que seus parentes deixaram suas cidades, assim como a filha de Emilie, que ao chegar se depara com a morte de sua mãe. Um relato triste, que o fez lembrar, relacionando com a obra, também o primeiro capítulo onde a narradora relembra do seu passado, que retrata o que o aluno vivenciou quando viaja para a sua cidade natal, lembrando de seus costumes e as coisas boas que viveu, assim como a sua infância. Na terceira pergunta, mostra que mudaria a morte da matriarca Emilie, pelo fato de sua filha voltar para rever a mãe e não a encontra com vida, então, o aluno buscou essa alternativa para mudar isso na obra, sendo uma forma de suavizar a questão do luto que a maioria dos alunos mostram em seus relatos.

Julgamos que foi importante ao menos ter tirado os participantes de sua zona de conforto para que pudessem experimentar uma estética literária diferente daquela a que estavam habituados. O interessante, no entanto, é reparar que o conteúdo desses relatos pode revelar, talvez, uma aproximação às vivências desses alunos, principalmente em relação a família.

Os relatos selecionados para a análise comprovaram que essa experiência foi de grande relevância, pois permitiu constatar os diversos tipos de recepções que uma pessoa

pode ter ao ler uma obra, diversas visões de mundo. Em suma, a produção dos relatos de experiências contribuiu para compreendermos melhor como esses estudantes recebem uma obra desconhecida, no Ensino Médio, atribuindo sentidos às leituras.

A presente pesquisa foi contemplada, a partir destes relatos comprovamos que cada aluno tem uma recepção individual ou coletiva da leitura de uma obra, que de início poderia parecer de difícil compreensão, mas que realmente leram e adentraram na obra, relacionando em seus relatos as suas experiências vividas, originando uma outra visão através de suas recepções leitoras, afinal, a recepção é o leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter realizado esta pesquisa foi uma oportunidade de compreender e conhecer a Literatura Amazonense enquanto importante no processo de ensino aprendizagem, desenvolvendo por meio da recepção leitora da obra “Relato de um certo Oriente”, do escritor Milton Hatoum, através dos relatos de experiências dos alunos, ferramentas de ensino para fomentar a cultura local em sala de aula nas escolas públicas de Parintins/AM. A Teoria da Recepção trabalha com o fenômeno que é a obra de arte sob vários olhares, possibilidades de diferentes leituras e leitores, cada um de acordo com a sua experiência, o envolvimento na leitura, a sua visão de mundo, tendo a possibilidade de expandir-se, de falar, de externalizar aquelas experiências socializando com outras que já tem dentro de si, por isso é importante estudar a recepção leitora, pois a partir de uma leitura se consegue fazer uma nova leitura de mundo, de um contexto e de uma situação e relatar em forma de relatos de experiências, uma experiência leitora de uma obra amazonense, como os alunos realizaram nesta pesquisa.

Assim como os alunos das escolas públicas, a pesquisadora também teve pouco acesso, no Ensino Básico, a obras literárias amazonenses, tendo contato apenas com uma obra chamada “Dois Irmãos” do mesmo autor, o que fez aumentar sua curiosidade em relação a literatura amazonense. Conhecendo a obra “Relato de um Certo Oriente” através da indicação de sua professora orientadora, para a pesquisa deste trabalho de conclusão de curso.

Sendo uma obra magnífica da literatura amazonense, que ao lê-la desperta recordações da infância, a vida em família que muitas das vezes tem seus conflitos, bastante presentes na realidade das pessoas que vivem na região amazônica. É uma obra que ao relatar os acontecimentos, podemos lembrar de nossas vivências, por isso seria importante mostrar aos alunos que existem obras que são parecidas com o contexto atual, além de contribuir para a formação de leitores e conhecedores desta literatura que era, até então, desconhecida por eles.

O estudo oportunizou a análise da recepção leitora da pesquisadora, de estudiosos da obra em questão e dos alunos, após lerem a obra *Relato de um certo Oriente* do escritor amazonense Milton Hatoum, com alunos do 2º ano do Ensino Médio, em duas escolas públicas de Parintins/AM. Além disso, os estudantes foram instigados a conhecer mais a respeito da Literatura Amazonense e sua contribuição com a cultura local.

Dentre os inúmeros desafios vinculados à Literatura Amazonense destaca-se, a escassez de obras literárias na instituição de ensino, reconhecendo a importância vital destas obras na escola no tocante a qualidade da educação oferecida, que deve estar relacionada a cultura local, levando os alunos a valorizarem os autores pertencentes a sua região e, conseqüentemente, tomarem conhecimento de suas raízes culturais.

Neste processo de valorização, o professor é reconhecido enquanto principal mediador, no que tange ao acesso dos estudantes a esses conteúdos literários, permitindo que os alunos construam sua identidade cultural e adquiram confiança. A literatura em seu contexto mais amplo ajuda as pessoas a entender seus sentimentos e proporciona à experiência de vivência a arte.

Por fim, salienta-se que durante a aplicação das aulas em sala de aula, ao abordar a temática por meio de intervenções, os alunos demonstraram interesse na realização das atividades propostas, assim como conhecer o autor e a obra, deixando perceptível sua satisfação na execução do projeto. Em vista desse interesse, espera-se que os professores adotem a Literatura Amazonense proporcionando o incentivo à leitura e a escrita, ampliando o desenvolvimento intelectual e cultural dos estudantes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.

ALBUQUERQUE, Lindalva Alves de. **Um relato oscilante – A Amazônia de Milton Hatoum, em Relato de um certo Oriente**. – Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília: agosto de 2010.

CANDIDO, A. **O direito à Literatura**. In: _____. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COSTA, Rallyme Vasconcelos. **A literatura infantojuvenil indígena amazonense: história, mito e memória.** – Monografia (Licenciada no Curso de Letras) – Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Parintins-AM, 2017.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (Org.). **Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum.** Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/UNINORTE, 2007.

D'ONOFRIO, S. **Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa.** 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** Trad. Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura.** Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GURGEL, L. H. **Não há literatura sem memória.** *Revista Na ponta do lápis.* Ano IV, nº 8. AGWM Editora e produções editoriais, junho/2008. Disponível em: <https://goo.gl/R4dUxx>. Acesso em 15 jan. 2017.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo oriente.** São Paulo: Companhia das letras, 2008.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária.** Tradução: Albin E. Beau, Maria C. Puga e João F. Barrento. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

IPIRANGA, S. **O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola.** *Rev. de Letras.* v. 1, n. 38, p. 106-114, 2019.

JAUSS, H. R. **História da literatura como provocação à teoria literária.** Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. **O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis.** In: LIMA, Luis (org.). *A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la réception.** Tradução: Claude Maillard. Paris: Gallimard, 1978.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Editora Ática, 2005.

LAJOLO, M. **O que é literatura.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARQUES, Mateus Epifânio. **Literatura produzida no Amazonas e ensino das ciências ambientais.** Vitruvian Cogitationes, Maringá, v. 3, n. 1, p. 36-55, 2022.

MONTEIRO, Mario Ypiranga. **Fatos da literatura amazonense.** Manaus: Universidade do Amazonas, 1976.

PÁSCOA, Luciane. **Artes Plásticas no Amazonas: o Clube da Madrugada.** Manaus: Valer, 2011.

PIO JÚNIOR, Amaury Oliveira, SILVA FILHO, Eduardo Gomes. **História da Amazônia em Doze Olhares: Novas Contribuições.** Manaus: Editora Mundo Novo, 2014.

PIMENTEL, Daiane Carneiro. **A escrita imagética em Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum.** [manuscrito] Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira.** 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1980.

SCHWANTES, Cíntia. **Relato de um certo Oriente e a morte da mãe.** Universidade de Brasília. P: Portuguese Cultural Studies 1 Spring, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, J. da. **Panorama da produção literária de Milton Hatoum e de sua recepção, em homenagem aos vinte anos de Relato de um certo oriente.** Somanlu. ano 10, n.1, jan/jun, 2010.

TELLES, Tenório; GRAÇA, Antônio Paulo. **Estudos de Literatura do Amazonas.** – Manaus: Editora Valer, 2021.

TUFIC, Jorge. **Clube da Madrugada: 30 anos.** Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da Literatura.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Via Atlântica, São Paulo, n. 14, p. 11-22, DEZ. 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Relato de experiência do Aluno 1 da primeira escola pública:

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aluno (a): _____

O que eu vi e o que eu senti ao ler a obra ou o capítulo de "RELATO DE UM CERTO ORIENTE"?

Bom, o livro narra a história e os conflitos dos membros de uma família de imigrantes libaneses, centrada na figura da matriarca Emília e sua morte. Motiva a filha adotiva a voltar a memórias, depois de anos distante. Para registrar depoimentos de pessoas cujo parentesco ou intimidade funcionam com índices de inserção social, quem isso é o que eu entendi agora meu relato de experiência. Eu sinto uma grande dificuldade na vida dela, assim porque quando ela chega na sua cidade de infância relembra vários aspectos de sua infância, e logo após sua mãe falece, mais uma aflição, a família, ou seja as filhas de Emília viajaram para outra região afóra do Brasil em busca de uma nova vida, vivendo seu em busca de recursos melhores, bom, isso se passa, assim, comparativamente narra a experiência de meu irmão que se afastou de nós imigrando para outro local, para buscar um modo de sobrevivência melhor, com recursos fáceis mais ele ainda estava amadurecendo, conheceu uma mulher, e tinha alugado uma quitinete, mais a cidade era grande, era comum o uso de uber e havia um pouco de dificuldade de até chegar no trabalho, longe da família, a produção de pão era bem alta e seu patrão era rígido e ignorante, ele não tinha tempo suave para nada, ele adoeceu não pode trabalhar, e não tinha dinheiro para voltar para casa, e sua mãe ligou, para ele, e disse que pagaria toda a sua passagem.

Fonte: RIBEIRO, Sofia. 2022.

ANEXO B – Relato de experiência do Aluno 2:

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aluno (a):

O que eu vi e o que eu senti ao ler a obra ou o capítulo de "RELATO DE UM CERTO ORIENTE"?

O livro um certo Oriente, se relata fatos que me deixaram meio perdida como o quadrado colorido. A história também meche bastante com a memória, como ~~uma~~ boneca de pano, ele também nos remete, as lembranças, coisas que vivemos e que nunca esquecemos, mesmo com o passar dos anos, me sentir como aquela criança que gostava de brincar de boneca. São fatos que muitas vezes acontecem no dia a dia. É muita verdade no livro.

Fonte: RIBEIRO, Sofia. 2022.

ANEXO C – Relato de experiência do Aluno 3:

RELATO DE EXPERIÊNCIA

"matutino"

Aluno (a):

O que eu vi e o que eu senti ao ler a obra ou o capítulo de "RELATO DE UM CERTO ORIENTE"?

Bom eu não tive o prazer de ler todo o livro mas pelo o que li deu pra nota o tão brilhante que esse livro é

Depois de ter lido um resumo sobre esse livro, assim como todos pude me identificar nas partes em que a narradora narra sobre os conflitos familiares por que acredito que todos nós temos conflitos familiares. Em meu caso no meio dos conflitos familiares que o livro propõe pude meio que viver de novo o meu passado, depois que a filha adotiva de Emilie volta para Manaus depois de descobrir a morte de sua mãe adotiva.

Bem eu nunca tive a perda de algum parente que me alcaçiona-se voltar a minha cidade natal depois de tantos anos, eu não sou de falar muito mas eu também sou de Manaus, depois de alguns acontecimentos familiares que me alcaçionaram a vir parar aqui em Patintins e depois de alguns anos pelos mesmos acontecimentos familiares me alcaçionaram a voltar a Manaus e reencontrar minha família mas em uma audiência que até hoje não deu nem um resultado só mais conflitos entre a minha família.

Fonte: RIBEIRO, Sofia. 2022.

ANEXO D – Relato de experiência do Aluno 4:

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aluno (a):

O que eu vi e o que eu senti ao ler a obra ou o capítulo de "RELATO DE UM CERTO ORIENTE"?

Realmente é uma história muito boa, pois nos leva a imaginar sobre todas as famílias que tiveram que sair de suas casas em busca de uma vida melhor, mais sustentável devido o rendimento financeiro baixo e pelo modo que viviam precariamente. Logo identifiquei-me, pois meus familiares que tiveram que se deslocar do interior do Amazonas para a cidade de Parintins, passaram por diversas crises econômicas, sendo assim, um histórico de miséria, fome, pois não tinham dinheiro para comprar comida; renda financeira baixíssima e de muito esforço e sofrimento, até chegarem ao estabelecimento local e financeiro; assim contei-me a minha avó Vanilda, relatando sobre as diversas dificuldades que passaram naquela momento e que se é a realidade de muitas famílias de hoje em dia em situação de pobreza, miséria e fome no Brasil.

Fonte: RIBEIRO, Sofia. 2022.

ANEXO E – Relato de experiência do Aluno 5:

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aluno (a):

O que eu vi e o que eu senti ao ler a obra ou o capítulo de "RELATO DE UM CERTO ORIENTE"?

A obra fala sobre a vida do autor que saiu de sua terra para morar com sua família no Brasil, por causa de dificuldade tinham que se mudar para uma casa um pouco restrita, a obra fala também da vida que o autor vive com a sua família.

Eu lembrei de um acontecimento da minha vida onde eu tive que ir para uma casa onde era tudo restrito e ir para mim e para minha família, tanto coisas novas que até a minha casa era nova e tudo, mais até o piso era estanho de pau, nem vegetais eu tinha, por isso me espantou o segundo parágrafo do livro eu me vi como uma história.

ANEXO F – Relato de experiência em forma de entrevista do Aluno 1 da segunda escola pública:

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMA DE ENTREVISTA

Aluno (a): Fernando Lauzão Nova Nascimento 2º ano 03 - Mat.

Faça um relato de experiência observando as seguintes questões:

1. O que você achou de impactante na obra que tem relação com a sua vida ou com a vida de outras pessoas do seu convívio?

O que eu achei de impactante foi que depois da morte da matriarca da família eles fazem de tudo para mantê-la em sua memória, assim se lembrando de diversos acontecimentos em que a mesma se faz presente. Sinto como se fosse eu, dia após dia mantendo algo tão importante que já não se encontra mais com a família, lembrando cada momento especial em que vivemos ao seu lado e um como esta pessoa era tão importante para toda a família, porém, infelizmente ela não pôde aproveitar bem sua vida, não envelheceu do lado das pessoas que amava, mas aproveitou os únicos anos que lhe foi permitido. Lembrar de tudo é algo doloroso, mas é importante, pois continuará sendo para sempre uma parte do gente. Com o tempo tudo melhora, reviver os momentos já não dói como antes mas, nos faz amar cada vez mais o tempo que tivemos juntos.

2. Relate sobre um episódio do livro “Relato de Um Certo Oriente”, que retrata algum acontecimento na sua vida ou na vida de outras pessoas.

Afocamento de Emin, que me faz lembrar um acontecimento em que uma menina morreu afogada no interior do meu avô, quando eramos crianças gostávamos de pular na água e infelizmente a menina sumiu e ninguém achava ela, até que seu avô decidiu mergulhar onde estávamos brincando e a achou lá.

3. Suponha que você seja o (a) escritor (a) da obra, qual final você daria para o romance ou para a história de vida de algum personagem que mais lhe impactou?

Daria um final melhor para Sráya Ângela, em que ela tivesse aproveitado mais a sua infância e a vida que estava por vir, em que ela não estivesse apenas no confinamento de um quarto e que ela conhecesse seu pai (mesmo sua própria mãe não sabendo). Em alguma forma toda criança merece ter uma figura paterna.

ANEXO G – Relato de experiência em forma de entrevista do Aluno 2:

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMA DE ENTREVISTA

Aluno (a): Isaías Gabriel Vieira Gabriel - 1 ano 3 substituição.

Faça um relato de experiência observando as seguintes questões:

1. O que você achou de impactante na obra que tem relação com a sua vida ou com a vida de outras pessoas do seu convívio?

Eu acho bastante impactante a parte que conta os suicídios por afogamento de Emília, porque eu muitas vezes conheço os meus vizinhos, moro no apartamento que ela mora, então se sabe que conta como ela morreu. Já me contaram que a Emília que ele estava afogando e que um dia de seu corpo já estava sendo lavado pelos peixes, meu vizinho mãe sua uma pessoa muito boa mas sinto que ele não deveria ter cometido esse crime horrível.

2. Relate sobre um episódio do livro "Relato de Um Certo Oriente", que retrata algum acontecimento na sua vida ou na vida de outras pessoas.

Acho que um episódio que acontece nos livros é uma vida de muita gente inclusive na minha, é a briga por religião que acontece com a Emília e seu marido, na minha família minha bisavó e muitos vovós que a vovó mãe demorou muito tempo da família terem outras tipos de religião, como por exemplo minha bisavó, minha bisavó fala que por conta da religião dela ela era muito mais feliz e ela e da família dela, ela fala a mesma coisa sobre as pessoas da religião

ela e da família dela, ela fala a mesma coisa sobre as pessoas da religião

3. Suponha que você seja o (a) escritor (a) da obra, qual final você daria para o romance ou para a história de vida de algum personagem que mais lhe impactou?

Eu acho que se Lucas tem um final satisfatório com a filha contendo tudo que queria mas conta para seu irmão, no entanto eu mudaria o final de Lucas com certeza eu mudaria o seu final trágico, eu daria a Lucas um final feliz onde ela não tivesse se envolvido pelo Carlos, mudaria os fatos dela ter sofrido uma infância por conta das suas deficiências, acho que o final perfeito para Lucas seria ela crescer e se tornar uma mulher forte e independente, talvez um dia tivesse um pouco de vida de irmão e tudo de Lucas.

ANEXO H – Relato de experiência em forma de entrevista do Aluno 3:

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMA DE ENTREVISTA

Aluno (a): Luara Gabriel M. Simas

Faça um relato de experiência observando as seguintes questões:

1. O que você achou de impactante na obra que tem relação com a sua vida ou com a vida de outras pessoas do seu convívio?

"La Brincadeira com a Boneca de porce confucio- nada por Emile. Lembra-me perfeitamente do rato da Boneca; tinha olhos negros e salientes, umas bochechas de anjos, e se perreitassem atenciosos aos detalhes, verias que apenas os olhos e a Buxca estavam sem relevo ressaltados por uma linha vermelha"

Lembra que na minha infância gostei uma Boneca de porce, ela era parecida com o relato acima; ela tinha os olhos pretos, era Branquinha, tinha as bochechas e a Buxca vermelhas e o cabelo era de linha de algodão amarela; eu Brincava com ela todos os dias, era minha alegria de todos os momentos

2. Relate sobre um episódio do livro "Relato de Um Certo Oriente", que retrata algum acontecimento na sua vida ou na vida de outras pessoas.

"Li praíva terminava numa aglomeração de Barracos entulhados de quemquilharicos; um labirinto de moduros que se alastrava nos calcados, nos ruas na praça"

Quando a minha amiga foi para morar depois de alguns dias lá, ela fez uma rede chamada com a gente, nessa rede chamada ela estava na praça

com seus outros amigos, ela mostrou que estava na ponta negra, e ela tinha várias pressões para todo lado e que mal ela conseguia se movimentar deu pra ver muitos Barracos de comida e entre outros coisas também lá.

3. Suponha que você seja o (a) escritor (a) da obra, qual final você daria para o romance ou para a história de vida de algum personagem que mais lhe impactou?

Mudaria a história de vida de samara Lília e de sua filha Soraya Angéla. A soraya Angéla nasceu muda e surda e por conta disso a família delas sempre as humilham.

Eu mudaria isso, na minha história Soraya não ia com voz e audição e ela não morria em nem um momento, nem no começo e nem no final.

ANEXO I – Relato de experiência em forma de entrevista do aluno 4:

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMA DE ENTREVISTA

Aluno (a): Adriany Santos Coelho

Faça um relato de experiência observando as seguintes questões:

1. O que você achou de impactante na obra que tem relação com a sua vida ou com a vida de outras pessoas do seu convívio?

Sobre Samara, que se em gravidou com 15 anos e que foi rejeitada e maltratada por sua mãe e pelos seus 2. irmãos demoníacos)...

Bom, esse fato aconteceu na vida da minha amiga que em gravidou com 15 anos, e que sua mãe não aceitou a gravidez, e isso causou muitas coisas como rejeição, maus-tratos... Então até completo os 9 meses dela, ela sofreu muito, por conta que muitos não queriam, e que algumas pessoas jogavam ela por conta de ela ser nova e ela não ter terminado os estudos dela.

E literalmente foi muito triste a gravidez da minha amiga, que se tornou um ponto de muita dor e por fim de uma grande felicidade.

2. Relate sobre um episódio do livro “Relato de Um Certo Oriente”, que retrata algum acontecimento na sua vida ou na vida de outras pessoas.

A parte em que (Shakim e Emilie) foram muito próximas, muito parecidas.)

É esse episódio relata sobre minha vida e a minha mãe, por que simplesmente a gente somos pessoas mesmo como 2 melhores amigas, como se fosse 2 irmãs. Eu vivo com a minha mãe uma relação muito saudável, tranquila como se eu não achasse nem uma motivação para menti para ela, sim de falar a verdade tudo o que se passa (amigo e pessoa e da amiga também) com um livro aberto em todo.

realmente mim entregar com esse episódio que fala sobre mãe e filho.

3. Suponha que você seja o (a) escritor (a) da obra, qual final você daria para o romance ou para a história de vida de algum personagem que mais lhe impactou?

(daria o final a Samara Ables, que perdeu sua filha a Soraia Angéla.)

(então se Soraia Angéla deveria ter sobrevivido ao final da sua história, por conta que Samara Ables tinha passado por muita coisa na vida, e não merecia perder sua filha, e sim ser levado ela embora para uma cidade em busca de trabalho e uma nova vida, deveria ter conseguido o respeito que os seus 2 irmãos não tinha sobre a importância da que Soraia (que) tinha.

Simplesmente ter dado a volta por cima e ter passado que sua mãe Emilie e seus 2 irmãos estavam errado e ter feito eles pedirem desculpas a sua filha e justamente a samara, e ter que manter a soraia de fato que ela era.

ANEXO J – Relato de experiência em forma de entrevista do Aluno 5:

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMA DE ENTREVISTA

Aluno (a): Faiziane Américo Cunha

Faça um relato de experiência observando as seguintes questões:

1. O que você achou de impactante na obra que tem relação com a sua vida ou com a vida de outras pessoas do seu convívio?

A parte que a personagem volta para sua cidade de origem depois da morte de sua mãe. Há 4 anos atrás infelizmente perdi meu pai (por causa de um tumor cerebral) e meu primo (depressão). Depois disso acontecimentos vários parentes deixaram sua cidade que moravam para voltar para que nossa família ficasse mais unida e para dar forças nesse momento tão sensível.

2. Relate sobre um episódio do livro "Relato de Um Certo Oriente", que retrata algum acontecimento na sua vida ou na vida de outras pessoas.

No 1º capítulo relato que a personagem volta para a sua cidade depois de 20 anos e lá ela relembra algumas coisas da sua vida. Isso acontece quando eu e minha mãe fomos visitar a cidade que eu nasci e cresci e quando eu chego lá eu lembro dos costumes, das lembranças

dos locais e de como o meu infância foi agradável

3. Suponha que você seja o (a) escritor (a) da obra, qual final você daria para o romance ou para a história de vida de algum personagem que mais lhe impactou?

Eu mudaria a morte de Emilie. Pois sua filha voltou para Manaus para fazer a memória de seu pai e ela não conseguiu sua mãe até que ela acabou descobrindo a sua morte. Então eu mudaria esse fato para que a personagem no qual o autor não veio a mãe pudesse chegar em Manaus e finalmente ter contato com sua mãe e assim relembra seu passado.

ANEXO K – Fotos dos alunos participando das aulas aplicadas em sala de aula:



Fonte: RIBEIRO, Sofia. 2022.



Fonte: RIBEIRO, Sofia. 2023.



Fonte: RIBEIRO, Sofia. 2022.



Fonte: RIBEIRO, Sofia. 2023.